

Irene Benevides Dutra Murta

**O QUE VEM SENDO PUBLICADO NO CAMPO DAS ATIVIDADES DE
AVENTURA NA NATUREZA? UMA ANÁLISE A PARTIR DAS REVISTAS LICERE
E RBCE**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia ocupacional

Universidade Federal de Minas gerais

2010

Irene Benevides Dutra Murta

**O QUE VEM SENDO PUBLICADO NO CAMPO DAS ATIVIDADES DE
AVENTURA NA NATUREZA? UMA ANÁLISE A PARTIR DAS REVISTAS LICERE
E RBCE**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Educação Física da
Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Terapia Ocupacional da
Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Kássio Vinicius C. Gomes
Co-Orientadora: Carolina Capanema

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Universidade Federal de Minas Gerais

2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, principalmente a meus pais e minhas irmãs, por estarem sempre ao meu lado e me ajudarem a enfrentar os desafios e apoiarem minhas decisões.

Agradeço aos meus amigos que me ajudaram direta ou indiretamente a passar por este processo, em especial a Isis, Mireille, Vítor e Vânio.

Aos colegas e amigos que conquistei durante o curso, em especial à Carol, Marlom, Carolzinha, Rosa, Juliana, Joelma, Renata, Renatinha, Bárbara e Vítor. Obrigada pelo companheirismo e pelas boas risadas.

Agradeço à Carolina Capanema e ao Kássio Vinícius , por aceitarem este desafio junto comigo e se disporem a contribuir da melhor forma possível com o trabalho.

Agradeço a Deus pela força de continuar seguindo em frente e me trazendo fé para conquistar meus objetivos.

"Sou uma filha da natureza: quero pegar, sentir, tocar, ser. E tudo isso já faz parte de um todo, de um mistério. Sou uma só... Sou um ser [...]"

Clarice Linspector

RESUMO

Neste trabalho, buscou-se analisar o que vem sendo pesquisado nas revistas *Licere* e *Revista Brasileira Ciências do Esporte (RBCE)*, sobre as atividades de aventura. As revistas foram escolhidas por representarem grande importância na área de educação física, especialmente na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde ambas são lidas pelos discentes. Inicialmente, foi discutido o conceito de natureza, posteriormente, as questões ambientais por estarem direta e indiretamente envolvidas com a temática e por representarem, muitas vezes, a razão de se buscar os ambientes naturais para a prática das atividades de aventura. Em seguida, foi feita uma breve discussão sobre o lazer, entendido como o tempo disponível para a prática de tais atividades. No segundo capítulo, foram apresentadas as discussões sobre as nomenclaturas utilizadas para as atividades de aventura, apresentando a falta de consentimento quanto a essas, e esclarecendo a terminologia utilizada ao longo do trabalho. Foi discutido posteriormente, no capítulo 3, o que vem sendo publicado nestas revistas a partir de um olhar crítico sobre elas, partindo principalmente de duas questões: A busca pela aventura e As abordagens ecológicas dos autores. No capítulo 4 foram discutidas questões sobre as revistas separadamente e os resultados encontrados nas mesmas. Por fim, foram apresentadas as considerações finais, acompanhadas das referências bibliográficas do trabalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Subcategorias de Atividade de Aventura	11
GRÁFICO 1- Quantidade de artigos publicados na revista Licere, relacionados a atividade de aventura e temas afins por ano	15
GRÁFICO 2 - Número de Artigos publicados na RBCE, relacionados a atividades de aventura e temas afins, por ano, após 1996	20
QUADRO1 - Principais acidentes ambientais do século XX	5
QUADRO 2 - Artigos da Revista LICERE selecionados para compor corpus da pesquisa	15
QUADRO 3 -Artigos da Revista Brasileira de Ciências do Esporte selecionados para compor corpus da pesquisa	22
TABELA 1- Avaliação da Revista Licere no Qualis-CAPES	13
TABELA 2- Avaliação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte no Qualis-CAPES	14

LISTA DE ABREVIATURAS

ACM –	Associação Cristã de Moços
BA –	Bahia
CAPES –	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBCE –	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
CDS	Centro de Desportos
CELAR –	Centro de Estudos do Lazer
CEPELS –	Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade
Cr –	Créditos
DDT –	Dicloro-Difenil-Tricloroetano (pesticida)
DEF –	Departamento de Educação Física
DRH –	Departamento de Recursos Hídricos
EA-	Educação Ambiental
EEFFTO –	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
EF –	Educação Física
ENAREL –	Encontro Nacional de Recreação e Lazer
FAFICH –	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FAPESP –	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FEF –	Faculdade de Educação Física
FEFISO –	Faculdade de Educação Física
GPL –	Grupo de Pesquisas em Lazer
GTT –	Grupo de Trabalho Temático
ICB –	Instituto de Ciências Biológicas
IGC –	Instituto de Geociências
LEPESPE –	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
NIEL –	Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem
ONU –	Organização das Nações Unidas
PNEA –	Política Nacional de Educação Ambiental
RBCE –	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
SESI-SP –	Serviço Social da Indústria de São Paulo
UESC –	Universidade Estadual de Santa Cruz

UFAM –	Universidade Federal do Amazonas
UFF –	Universidade Federal Fluminense
UFMG –	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP –	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA –	Universidade Federal do Pará
UFPE –	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR –	Universidade Federal do Paraná
UFRN –	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC –	Universidade Federal de São Carlos
UMESP –	Universidade Metodista de São Paulo
UNESP-Rio Claro –	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus Rio Claro
UNICAMP –	Universidade Estadual de Campinas
UNIMEO –	União Educacional do Médio Oeste Paranaense
UNIMEP –	Universidade Metodista de Piracicaba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 DO INTERESSE EM DESENVOLVER O TRABALHO.....	9
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1 Natureza ou naturezas?.....	10
3.2 As questões ambientais.....	12
3.3 Lazer.....	15
3.4 Atividades de aventura na natureza: uma confusão conceitual.....	16
4 METODOLOGIA: ENTENDENDO O CORPUS DA PESQUISA.....	19
4.1 Revista Licere.....	20
4.2 Revista Brasileira de Ciências do Esporte.....	25
5 DISCUTINDO AS ABORDAGENS SOBRE ATIVIDADES DE AVENTURA.....	32
5.1 A busca pela aventura.....	32
5.2 Abordagens ecológicas?.....	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

As atividades físicas e os esportes de aventura na natureza estão ganhando cada vez mais adeptos e espaço na mídia, fato que aumenta a necessidade de profissionais qualificados para atuar no ramo. O aumento do interesse e da demanda pelas atividades de aventura suscita uma reflexão sobre valores e atitudes evidenciados nessas práticas e uma significativa preocupação em contribuir para um debate que propicie um processo consciente de vivência do lazer em áreas naturais (BAHIA e SAMPAIO, 2007, p.185).

Considerando o fato, a preparação dos profissionais de Educação Física, para atuar com esse tipo de atividade, deve ser analisada. Isto porque as atividades de aventura na natureza não são meramente práticas esportivas, elas se diferenciam dos esportes tradicionais, como evidencia Marinho (2007, p.7), ao considerar as condições de prática, objetivos, motivação e meios utilizados para o seu desenvolvimento, além da necessidade de equipamentos tecnológicos específicos. Esse tipo de atividade se diferencia também por pressupor uma interação maior entre homem e natureza.

As atividades realizadas em ambiente natural demandam cuidados, primeiro por causa da imprevisibilidade e falta de controle sobre o meio (condições climáticas, morfológicas, e de seres que nele percorrem); depois, porque na contemporaneidade, os cuidados para se proteger o meio natural implicam em uma série de condicionantes para práticas de atividade nele. Como evidencia Marinho (2007, p.11), a necessidade de aprendizados específicos relacionados à administração e à participação em algumas atividades, tais como: conhecimento dos equipamentos específicos; técnicas de sobrevivência na natureza; educação e atitudes conservacionistas, entre outros fatores, podem ter interferência tanto no meio natural, quanto na vivência da atividade desenvolvida. Em vista disso, vários parâmetros devem ser analisados e desenvolvidos junto aos profissionais e praticantes.

Para o direcionamento adequado de tais atividades pelos profissionais que atuam na área, os estudos em ecologia, turismo, geografia, meio ambiente e educação ambiental deveriam também ser considerados, a fim de se buscar ações coerentes no sentido de tornar as atividades minimamente impactantes do ponto de vista ambiental e social.

Embora o espaço acadêmico para discussão sobre as atividades de aventura esteja sendo alcançado, sendo ofertadas disciplinas dentro dos cursos superiores, como é o caso da UFMG no curso de Educação Física, com a disciplina Atividades de Lazer e Esportes na Natureza, esta é uma temática que ainda está em fase de crescimento dentro das

universidades, carecendo ainda de muitos estudos. De acordo com Tahara e Schwartz (2002), as pesquisas sobre as atividades de aventura ainda são tímidas no âmbito acadêmico. Marinho (2007, p.16) corrobora, apontando também a necessidade de um novo perfil profissional para vencer os desafios e as diversas demandas sociais, a fim de reiterar as atividades de aventura como uma proposta criativa, crítica e lúdica, facilitadora da simbiose dos seres humanos com a natureza.

Diante desse panorama, surgem alguns questionamentos que embasam esta pesquisa. Considerando as publicações acadêmicas e as direcionadas para profissionais da Educação Física, como formadoras de conceitos e indutoras de práticas, faz-se necessário entender o que tem sido veiculado a respeito das atividades de aventura na natureza. O que os principais autores da área de educação física têm publicado no campo das atividades de aventura na natureza? Os autores abordam as questões relativas ao meio ambiente, tais como: os impactos decorrentes das atividades; as propostas de educação ambiental; e as relações entre os praticantes e o ambiente, entre outras?

O objetivo deste trabalho, portanto, foi entender o que tem sido publicado em revistas de educação física e lazer a respeito da relação entre prática da atividade e meio ambiente, quando o tema é atividades de aventura na natureza. Para o desenvolvimento do trabalho, foram analisados dois periódicos de grande importância na área da Educação Física e Lazer: A Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e a revista Licere.

2 DO INTERESSE EM DESENVOLVER O TRABALHO

Desde o início do curso de Educação Física, busquei experiências práticas nas atividades de aventura na natureza pelo prazer que elas me proporcionam. Mais ainda, porque se tratam de atividades realizadas em ambientes naturais.

Esse interesse foi despertado antes mesmo de entrar no curso e, por isso, desde os anos iniciais do mesmo busquei informações sobre esse campo. No entanto, não havia meios diretos, dentro da faculdade, que pudessem dar uma boa e aprofundada base teórica. Na verdade, só há uma disciplina optativa que trata da temática, dentro do curso de Educação Física. E, infelizmente, pelos seus créditos (Cr) elevados (4 Cr), foi sempre prioridade para os formandos e, havendo concorrência pelas vagas, alunos interessados na temática dificilmente conseguiam se matricular.

Claro que não fiquei parada. Afinal, acredito que para atuar nessa área são necessários diversos conhecimentos em diferentes áreas. Optei por fazer uma Formação Complementar, que funciona como um segundo diploma, onde é possível o estudante buscar em outras faculdades, disciplinas de seu interesse. Cursei então disciplinas fora da Educação Física, onde os temas gerais: Meio Ambiente, Cultura e Sociedades fossem abordados. Passei pelo Instituto de Geociências (IGC), cursando disciplinas dos cursos de Geografia e Turismo, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), nas disciplinas de História, e pelo Instituto de Ciências Biológicas (ICB) nas disciplinas das Ciências Biológicas. Mas ainda sinto que falta de uma interação entre estas diferentes áreas (História, Geografia, Biologia, Turismo e Educação Física).

O conhecimento atualmente está segmentado, dividido entre as disciplinas, e o que está acontecendo com a formação superior pode ser um pouco alienante. Cada curso estuda um apanhado de disciplinas, mas elas raramente se encontram, se associam, dialogam. Uma intersecção precisa ser feita e, nesse sentido, as atividades de aventura são um exemplo de área conectada com os diferentes campos do conhecimento.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, inicialmente apresentar-se-á os conceitos de natureza, tendo em vista que essa é uma palavra muito mencionada ao longo do trabalho e, para efeitos da análise proposta, deve ser entendida numa perspectiva holística. Na sequência, abordar-se-á a temática ambiental como pano de fundo para a preocupação com a preservação ambiental e a reaproximação do homem em relação à natureza. Posteriormente, discutir-se-á o lazer, como fenômeno pós-industrialização, e, estando o lazer e a problemática ambiental em um mesmo contexto, surge então a discussão sobre as atividades de lazer na natureza. E, finalizando o capítulo, apresentar-se-á a confusão conceitual em torno das atividades de aventura na natureza.

3.1 Natureza ou naturezas?

Neste tópico objetiva-se discutir brevemente o conceito de natureza, ou melhor, os conceitos de natureza, para abrir um pouco o olhar sobre um termo que será muito utilizado ao longo do trabalho e recorrentemente citado pelos autores pesquisados.

Como afirma Gonçalves (2001, p.23), toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada idéia do que seja a natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares por meio do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, a sua cultura. Para o autor, em nossa sociedade, a natureza foi sendo tratada como oposição à cultura, sendo esta tida como superior, controladora e dominadora daquela.

O conceito que temos de natureza foi então historicamente construído. Isso significa que em algum tempo atrás, teria sido diferente. Gonçalves (2001) cita que no período pré-socrático era utilizado o conceito de *physis* para designar a aurora, o crescimento das plantas, o nascimento dos animais e do homem. Esse conceito grego é muito amplo e radical, compreendendo tudo o que existe – o céu, a terra, a pedra, a planta, o animal, o homem, o acontecer humano, como obra dos homens e dos deuses, e os próprios deuses.

A mudança de conceitos referentes à “natureza” se inicia com Platão e Aristóteles, onde passa-se a ter um desprezo pelas plantas e pelas pedras e o destaque para o homem e as idéias. Essa mudança é reforçada também pela influência judaico-cristã que opõe homem-natureza e espírito-matéria. E o marco concebido como primordial foi com Descartes no dito Método René Descartes:

- i. conhecimento adquire um caráter pragmático (útil à vida), conhecimento esse que vê a natureza como um recurso;
- ii. o surgimento do antropocentrismo, em que o homem passa a ser visto como o centro do mundo.

Para Descartes, “O homem instrumentalizado pelo método científico, pode penetrar os mistérios da natureza e, assim, torna-se ‘senhor e possuidor da natureza’” (GONÇALVES, 2001, p.33).

E ainda, como afirma Gonçalves (2001, p.35), a idéia de uma natureza objetiva e exterior ao homem, o que pressupõe uma idéia de homem não-natural e fora da natureza, cristaliza-se com a civilização industrial inaugurada pelo capitalismo. Esse autor também defende que é preciso romper com o cartesianismo (baseado em Descartes): “Entre a cabeça que pensa e o mundo que está à nossa frente existe o corpo que é o que cada um de nós tem para estar no mundo” (GONÇALVES, 2001, p.92).

Como podemos observar, o conceito de natureza não é natural, mas foi um processo político, religioso e socialmente construído. Isso é importante para que possamos abrir os horizontes e pensar no que é colocado como certo e “natural”. Deve-se, então, repensar o corpo na natureza, o homem não estando distante desta, mas sendo parte da mesma.

3.2 As questões ambientais

A partir da metade do século XX, as questões ambientais têm recebido maior foco nas grandes discussões. Isso se deveu em grande parte, pelas crises ambientais agravadas em nosso meio. Alguns acidentes que ocorreram nesse período foram motivadores das várias discussões e das agendas políticas para o meio ambiente. Alguns desses acidentes são listados no QUADRO 1.

QUADRO 1

Principais acidentes ambientais do século XX

1948	Donora	Na cidade de Donora, na Pensilvânia a poluição atmosférica já fazia parte da vida dos habitantes, pois lá se concentravam diversas indústrias. Mas uma inversão térmica fez com que a poluição se concentrasse, gerando muitas mortes em um curto período de tempo.
1952	Névoa Matadora / Smog	Em Londres, houve concentração de poluição na atmosfera matando cerca de 4000 pessoas em poucos dias.
1956	Minamata	Acidente causado por despejo de mercúrio na Baía de Minamata, no sul do Japão.
1984	Bophal	Acidente causado por uma nuvem de isocianato de metila que escapou de uma indústria de inseticida na cidade de Bophal na Índia. Matou milhares de pessoas.
1986	Chernobyl	Acidente nuclear que fez com que milhares de pessoas tivessem que se deslocar dos arredores, tranformou completamente o espaço onde ocorreu e até hoje são estudados efeitos de acidentes nucleares com base em Chernobyl.

Fonte: Elaboração própria.

A partir desses acidentes, foram desenvolvidas muitas discussões de grupos de ambientalistas, acadêmicos e políticos. Em 1962, por exemplo, foi publicado o livro “Silent Spring” de Rachel Carson, que fala sobre a influência negativa do DDT. O livro é considerado como uma das formas de colaboração para desenvolvimento de movimentos ambientalistas. Em 1972, um grupo de empresários que constituía o Clube de Roma publica “The limits to Growth” e, no mesmo ano, ocorre a Conferência de Estocolmo, que constituiu o primeiro esforço em âmbito mundial para se discutir a problemática ambiental. E em 1987, resultado dessa conferência, foi publicado o relatório “Nosso Futuro Comum”, que acaba por popularizar a noção do desenvolvimento sustentável.

Em 1992, foi realizada a “Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento”, no Rio de Janeiro, com o objetivo de examinar a situação ambiental mundial desde 1972 e suas relações com o estilo de desenvolvimento vigente. Também pretendeu-se, neste encontro, estabelecer mecanismos de transferência de tecnologias não-poluentes aos países subdesenvolvidos, estabelecer um sistema de cooperação internacional para prever ameaças ambientais e prestar socorro aos casos emergenciais, examinar estratégias nacionais e

internacionais para incorporação de critérios ambientais ao processo de desenvolvimento e reavaliar o sistema de organismos da ONU, eventualmente criando novas instituições para implementar as decisões da conferência. Como produto dessa conferência, foram assinados cinco documentos:

- i. Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento;
- ii. Agenda 21;
- iii. Princípios para a Administração Sustentável das Florestas;
- iv. Convenção da Biodiversidade;
- v. Convenção sobre Mudança do Clima.

Nesse campo, começa a ganhar espaço as políticas de desenvolvimento sustentável, termo este que vem sendo usado amplamente por profissionais de diversas áreas, acadêmicos, empresários e políticos, sendo, muitas vezes banalizado e percebido como estratégia de marketing.

A colocação da problemática ambiental na agenda política internacional é reflexo de um auge da crise ambiental. E essa crise, além de dar margem a políticas públicas e de empresas, vem incitando pesquisadores, fato este que coaduna a fala de Barcellos (2008) para quem “a crise ambiental disseminada amplia a necessidade de se investigar os seus protagonistas e, especialmente, de se pensar soluções em todas as escalas” (BARCELLOS, 2008, p. 110). A autora faz uma crítica da mercantilização da natureza e da própria mercantilização da aproximação com a natureza, banalizando qualquer vivência mais profunda e mais cuidadosa no ambiente. Ao final do texto, Barcellos convida o leitor a refletir sobre as práticas de vivência da natureza: “Cabe, portanto, aos sujeitos locais, articulados em redes, produzir a resistência à leitura hegemônica da crise ambiental e, ao mesmo tempo, impedir que seus ecossistemas sejam transformados em mercadorias” (BARCELLOS, 2008, p. 119).

Nessa breve menção às considerações finais de Barcellos (2008) alguns elementos são influenciadores do presente trabalho. Ao se observar um volume cada vez maior de profissionais que atuam nas áreas de lazer e natureza, a problemática do como isso acontece e se há reflexões em torno desse contexto é necessária. Espera-se, por conseguinte, que este trabalho fomente discussões sobre a relação entre lazer e conservação da natureza, entendendo

o lazer como atividade humana e o homem como integrante da natureza. O pressuposto básico é de que numa atividade de lazer na natureza não poderia haver vandalismo paisagístico¹.

Acompanhando todos esses eventos e publicações, as práticas cotidianas também vão se alterando. Seguindo o que se pode chamar de onda verde, há várias pessoas que em seu tempo livre buscam aproximar-se da natureza. E nessa aproximação do lazer com a prática de atividades na natureza, é preciso levar em consideração elementos que condizem com a preocupação ambiental.

Mas essa discussão tem uma profundidade ainda desconhecida, mas que aos poucos vem sendo explorada. Gontijo (2003) em sua tese de doutorado analisa o caso da Lapinha como lugar de um suposto ecoturismo.

Essa atividade é claramente resultado da combinação da fuga das pessoas de seu trabalho e ao mesmo tempo resgate de uma suposta proximidade com a natureza. Mas o autor mostra que esse ecoturismo é uma ilusão, tanto pelo fato de que quem o faria não alcançaria o ser ecoturista²; como pelo fato de que nenhum cuidado socioambiental é tomado para tal prática. Nesse sentido, observa-se que, apesar de haver um movimento no sentido de opções de lazer que sejam coerentes com a preocupação ambiental, observa-se que uma vivência do meio ambiente é relegada apenas ao consumo da atividade, como se a natureza fosse um produto, um cenário a ser vendido para o praticante das atividades de aventura e lazer na natureza, não sendo estabelecido um senso de respeitabilidade ambiental por exemplo. O consumo pelo consumo pode gerar problemas, pois o sujeito não estando sensibilizado pode agir no ambiente natural com o mesmo descaso com que agiria no ambiente urbano. Não tomando para si a responsabilidade de suas ações.

Sobre o ecoturismo o autor diz em caráter introdutório:

O termo ecoturismo, por seu turno, tem sido apropriado por vários turistas apenas pelo fato de considerarem estar mais perto da natureza. De uma forma mais nefasta ainda, o termo tem sido utilizado pelo *Trade* turístico, de uma maneira geral, para exaltar as virtudes naturais de destinações que se quer vender. (GONTIJO, 2003, p.7)

O autor ainda aponta que se o turista não tem uma convicção profunda de que é parte indissolúvel da natureza, dificilmente pode ser classificado como “eco”. Não há ecoturismo se

¹ Vandalismo da Paisagem foi uma expressão discutida por Yázigi (1996), nas primeiras discussões a respeito dos impactos da atividade turística na paisagem. O autor discorre sobre paisagens urbanas e não-urbanas. Toma-se o termo emprestado para esta discussão, entendendo que ele permite sintetizar a maior preocupação que é motivadora deste trabalho: a prática das atividades e o resultado delas.

² Ser ecoturista envolveria uma viagem interior que possibilitaria a assimilação do real significado da natureza, vivenciando a atividade e a natureza de maneira profunda e não superficialmente como mero cenário.

não houver uma abertura para dentro da alma de cada turista (GONTIJO, 2003, p.9). Finaliza-se este item com mais uma citação do autor para esclarecer o que se entende por um ser ecoturista:

Um turista que se queira ecológico não precisaria se converter a nenhuma religião ou passar a adotar um estilo indígena de viver. Bastaria recuperar dentro de si aquele vínculo sagrado, e esquecido, com a terra, reconhecer sua pequenez diante do Cosmos e tentar passar a agir segundo uma ética ecocêntrica. (GONTIJO, 2003, p.11)

3.3 Lazer

As necessidades de lazer e a criação do termo têm muito a ver com o contexto que gerou a crise ambiental. Ambos são fenômenos que surgem no contexto de industrialização e de uma corrida pelo desenvolvimento. O primeiro surge mais imediatamente, já o segundo é percebido mais lentamente, mas hoje ambos são elementos de preocupação das pessoas e constituem direta ou indiretamente suas práticas cotidianas.

O lazer tal como é apresentado à sociedade, é um fenômeno muito recente, fruto da sociedade industrial. Essa afirmação é possível a partir da relação intrínseca do lazer com o tempo livre, que implica em tempo de trabalho. Hourdin, citado por Maffei (2004), considera que tempo livre "é aquele tempo de que podemos dispor como queremos, legitimamente, legalmente e livremente". Segundo Requixa "entre os povos primitivos não existia uma clara distinção entre a vida, o trabalho e o lazer, pois, trabalhar era ao mesmo tempo existir, como existir era ao mesmo tempo recrear" (REQUIXA, 1977, p.9 citado por MAFFEI, 2004, p. 37).

Segundo (MELO E ALVES JR., apud MAFFEI, 2004, p. 38-39), o lazer surge no final do século XVIII, juntamente com a sociedade fabril, quando há a preocupação da ocupação do tempo do não-trabalho, que, aliás, era ínfimo para as classes operárias e excessivo para as classes mais abastadas. A esse respeito, volta-se à discussão da maioria dos autores, dentre os quais Joffre Dumazedier, que aponta o lazer como resultado das civilizações industriais. Dumazedier, ainda fala sobre os três D's que representam as funções do Lazer: "a) função de descanso; b) função de divertimento, recreação e entretenimento; c) função de desenvolvimento" (DUMAZEDIER, 2000, p. 32). Tais funções podem coexistir, não devendo ser consideradas estanques uma das outras.

O lazer frequentemente é considerado como esporte, mas, para compreensão deste trabalho, vale destacar que esporte designa atividades metódicas e regulares a fim de se obter um resultado concreto. Os movimentos são determinados pela técnica e busca-se o rendimento, os resultados (BARRETO, 2003). Atividades de aventura na natureza podem ser

esportes ou práticas de lazer. No caso deste trabalho, enfoca-se nesta última situação, já que nela podem ser desenvolvidas propostas de educação ambiental, alcançando o público que se amplia a cada dia, tal como apresentado na introdução deste trabalho.

3.4 Atividades de aventura na natureza: uma confusão conceitual

Trekking, Vôo Livre, Escalada, *Surf*, *Rafting*, *Mountain Bike*, Rapel, Tirolesa, Arvorismo, *Canyoning*, *Windsurf*. São muitas as atividades realizadas na água, no ar e na terra. A maioria dessas atividades podem ser executadas tanto em meio natural, onde elas surgiram, como em ambiente artificial³. Para efeitos da discussão proposta, da atuação do profissional de educação física em atividades que envolvam a educação ambiental, considerar-se-á apenas as atividades de aventura na natureza.

Embora a denominação de tais práticas não seja comum, é o contato direto com a natureza que representa um dos ideais a ser atingido em tais modalidades, tendo em vista que são atividades para serem praticadas ao ar livre, as chamadas atividades *outdoor*⁴.

Percebe-se, no campo das atividades de aventura, diferentes conceituações para as práticas: ecoturismo, turismo rural, esportes de aventura e esportes radicais, entre outras. Não há um consenso para a terminologia dessas práticas de lazer e esporte. Isso é um fato a ser estudado e discutido na área da educação física, posto que apresenta contradições teóricas, passíveis de confusões e mau uso dos termos, como salienta Dias e Alves Júnior, citado por Dias (2007, p.6):

Em uma rápida revisão bibliográfica pode-se perceber uma certa “nebulosa conceitual”. Os termos utilizados para designar e caracterizar essas práticas são difusos, imprecisos e pouco consensuais. A dificuldade de se elaborar um conceito que possa definir e caracterizar com alguma precisão essas práticas acaba criando uma dificuldade adicional para suas investigações. Na tentativa de suprir essas demandas, muitos termos têm sido utilizados de maneira ainda mais dispersas e ainda menos consensual, não nos cabendo aqui listá-los. O fato é que são muitos conceitos empregados para designar um mesmo objeto de estudo. O que mais confunde do que esclarece.

Em “Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza” publicado na revista *Licere* em 2007, Cleber Augusto Gonçalves Dias aborda questões conceituais do lazer esportivo na natureza e apresenta alguns termos que têm sido empregados tanto pelos pesquisadores quanto pelos praticantes. O autor aponta os termos “esporte tecnológico”, usado devido à

3 Também conhecidas como práticas indoor, as atividades de aventura podem ser feitas em academias com a ajuda de equipamentos, rampas, e muros com diferentes inclinações. Em Belo Horizonte, por exemplo, há muros de escalada na academia DasPedras, na academia Rokaz, no Sete Cumes e no Tortons.

⁴ *Outdoor*: palavra em inglês utilizada para designar as atividades realizadas ao ar livre.

especificidade material que as modalidades exigem; “esportes ao ar livre”, fazendo referência ao local preferencial para a realização das atividades; “esportes alternativos”, termo que expressa o sentimento de liberdade de movimentos, onde a regulação é menos coercitiva e a pulsão do lúdico prevalece sobre a dimensão competitiva; “esportes californianos” designando as novas formas de esporte surgidas nos Estados Unidos no período da contra – cultura; “esportes na natureza” descrevendo como práticas que estabelecem relações intersubjetivas com a natureza, a fim de extrair prazer dessa interação; “esportes de aventura” considerando-se que tais atividades exercem um forte sentido de risco e incerteza, assim como os termos “esportes radicais” ou “esportes extremos” esse último estando relacionado com a organização de eventos como o *X-Games*⁵.

O autor, entre os termos apresentados, defende o uso do termo simples “esportes na natureza”, pelo sentido de retorno à natureza sem, contudo, abandonar o sentido de aventura e risco. Dias (2007, p.26) considera a terminologia “esportes na natureza” adequada porque:

[...] A modulação desse comportamento esportivo é fortemente marcada por tais imaginários de retorno à natureza, onde sua descrição por intermédio do adjetivo “na natureza” não significa o abandono de outras características tão presentes nessas atividades, como é o caso dos aspectos de aventura e risco.

Dias (2007, p. 26-27) ainda coloca que “a natureza é aquilo que o homem ainda não conseguiu dominar ou controlar e, portanto, encarna um mundo desconhecido e assustador”. Nesse sentido, as idéias defendidas pelo autor quanto à terminologia demonstram o retorno à lógica da tentativa de domínio da natureza pelo homem, distanciando-o dela.

Para esse autor a designação “de aventura” seria um pleonasmo porque o contato com a natureza se realiza sempre com certo sentido de aventura, imprevisibilidade e risco, para o presente trabalho, essa designação foi utilizada. “De aventura” descreve com eficiência o caráter da atividade, envolvendo sempre a noção de risco e imprevisibilidade. Discorda-se de Dias (2007) sobre o suposto pleonasmo, porque nem sempre as atividades na natureza implicam dita vulnerabilidade, portanto, nem sempre podem ser consideradas como “de aventura”, caso, por exemplo, da observação de pássaros ou da pescaria, entre outras. Dessa forma, também o termo “esportes” reduziria as motivações, não contemplando aqueles praticantes em busca de lazer. Por essas discordâncias, prefere-se o termo “atividades de aventura na natureza” como conceito geral, a partir dele, podendo ser desmembrado, conforme a FIGURA 1, em subcategorias.

⁵ *X-games*: Maior competição de esportes radicais do mundo, com competições de BMX, *Skate* e *Motocross Freestyle*.

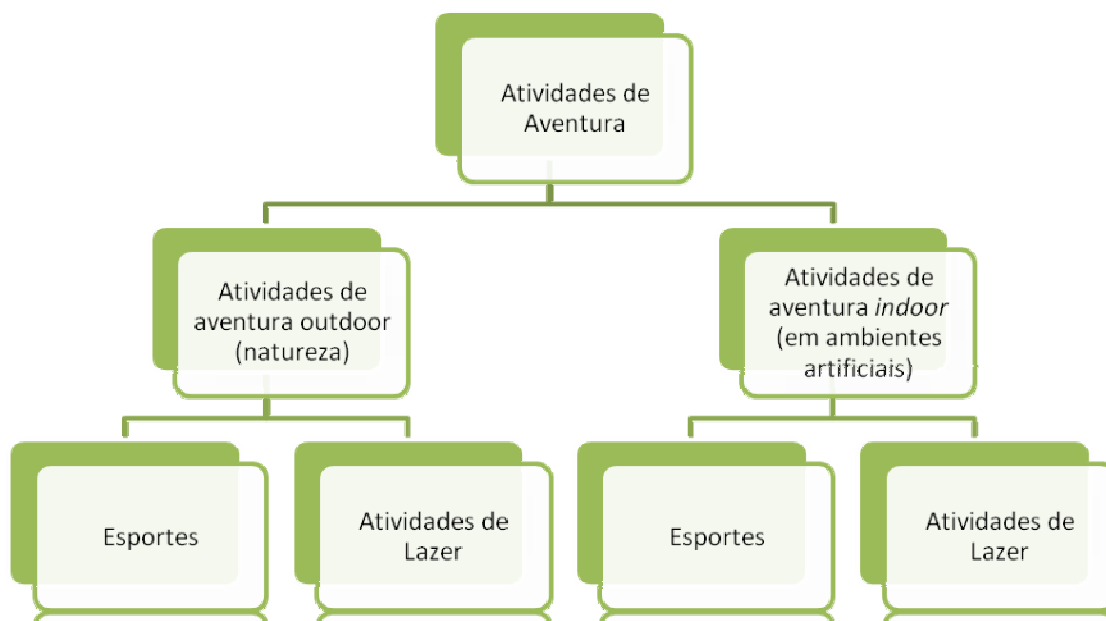


FIGURA 1: Subcategorias de Atividade de Aventura
Fonte: Formulação própria.

Poder-se-ia pensar também no conceito como “atividades de lazer e esportes na natureza”, isto porque contemplaria tanto as práticas de caráter lúdico/amador/não competitivo – as atividades de lazer – quanto às práticas esportivas, considerando que para algumas dessas modalidades já existem competições regulamentadas, caso do *mountain bike*, da escalada esportiva, e do *surf*, entre outras. Contudo, prefere-se a generalização como forma de entender melhor o campo científico, dividindo-o em subcategorias, para facilitar abordagens de educação ambiental, segundo o público: sportistas ou amadores/praticantes esporádicos. Essa divisão se justifica, pelo fato de os públicos serem bastante diferentes quanto à experiência na relação sujeito-ambiente.

4 METODOLOGIA: ENTENDENDO O *CORPUS* DA PESQUISA

O objetivo do trabalho é analisar o que alguns dos autores da área de Educação Física abordam em relação às atividades de aventura, e se os mesmos abordam nesse tema – atividades de aventura – questões relativas ao meio ambiente (geração de impactos decorrentes das atividades, propostas de educação ambiental, relações entre os praticantes e o ambiente, entre outras). Para tanto, foram escolhidas duas revistas: A revista *LICERE* e a *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*. Essas duas revistas foram escolhidas

por terem grande relevância na área da Educação Física na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo lidas por muitos alunos ao longo do curso.

A Licere (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online) é qualificada pela Capes em algumas áreas do conhecimento, tal como apresentado na TABELA 1, destacando-se que seu qualis na área da Educação Física é B3. Por ser uma publicação da própria UFMG, ela é bastante conhecida pelos discentes do curso, sendo considerada, portanto, como formadora de opinião.

TABELA 1
Avaliação da Revista Licere no Qualis-CAVES

Qualis (CAVES)	Área de avaliação
B3	EDUCAÇÃO FÍSICA
B4	ARQUITETURA E URBANISMO
B4	PSICOLOGIA

Fonte: Qualis-capes ano-base 2008.

A Licere é um periódico dedicado à discussão da temática do Lazer, em suas múltiplas dimensões, a partir de uma ótica multidisciplinar. É uma revista editada pelo Centro de Estudos do Lazer (CELAR) da Universidade Federal de Minas Gerais. O CELAR foi criado no ano de 1990 com o objetivo de reunir acadêmicos, profissionais e pesquisadores de diversas áreas em torno de questões fundamentais do Lazer, considerando a formação e a atuação profissional como pontos de partida para estudos e intervenções articuladas com o ensino de graduação e de pós-graduação, a pesquisa e a extensão na realidade brasileira⁶.

A Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) é um dos mais tradicionais e importantes periódicos científicos brasileiros na área de Educação Física/Ciências do Esporte, indexada em indicadores internacionais, avaliada pela Capes como B2 na área da Educação Física. Além da Educação Física, a revista também é avaliada em outras áreas do conhecimento, tal como descrito na TABELA 2:

⁶ <http://www.eeffto.ufmg.br/celar/>

TABELA 2
Avaliação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte no Qualis-CAPES

Qualis (CAPES)	Área de avaliação
B2	ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA
B2	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I
B2	EDUCAÇÃO FÍSICA
B2	INTERDISCIPLINAR
B2	SOCIOLOGIA
B3	EDUCAÇÃO
B3	HISTÓRIA
B4	PSICOLOGIA
C	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II

Fonte: Qualis-capes ano-base 2008.

A revista é de publicação quadrimestral, existente há mais de 30 (trinta) anos, sob responsabilidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) – entidade científica criada em 1978, que congrega pesquisadores ligados a área de educação física/ciências do esporte⁷.

Em ambas revistas, o método de seleção dos artigos para compor o *corpus* da pesquisa foi o mesmo. Foram selecionados todos os artigos, em cujos títulos figurava pelo menos um dos termos-chave para a discussão: Meio Ambiente, Ecologia, Educação Ambiental, Natureza, Trilhas, Esportes de Aventura, Atividades de Aventura, ou termos afins. Foram tomados para a seleção de artigos todas as edições das revistas até o ano de 2010. No caso da *Licere*, a primeira publicação analisada foi a de 1998. No caso da RBCE, a primeira edição foi em 1979.

4.1 Revista *Licere*

No GRÁFICO 1 apresenta-se a quantidade de artigos relacionados à atividade de aventura e temas afins, segundo explicitado no item anterior, que foram encontrados na revista *Licere*. A revista começou a ser publicada em 1998, sendo publicada anualmente e, a partir de 2003, passou a ser publicada semestralmente.

⁷ <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php?journal=RBCE>

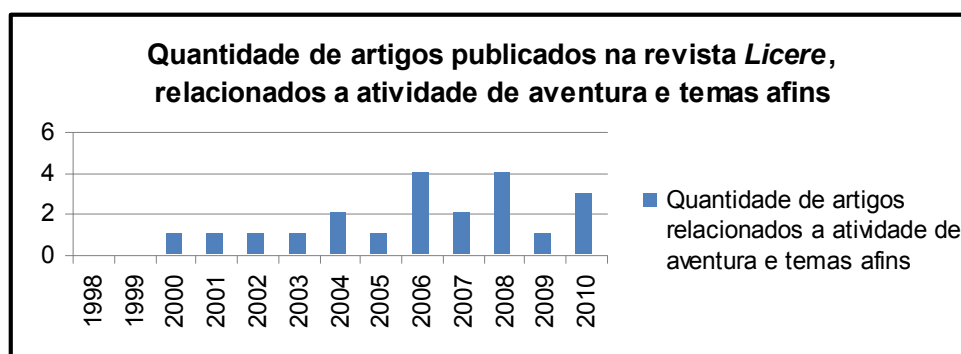


GRÁFICO 1- Quantidade de artigos publicados na revista *Licere*, relacionados a atividade de aventura e temas afins por ano.

Fonte: Elaboração própria a partir de análise dos artigos publicados de 1998 até 2010.

No eixo y (vertical), os números representam a quantidade de artigos publicados e no eixo x (horizontal), o ano de publicação dos mesmos. O GRÁFICO 1 mostra que em quase todos os anos houve publicação sobre o assunto (11 anos apresentam publicação a respeito do tema em estudo). A partir de 2003 ele começou a ser mais mencionado e analisado nos artigos científicos publicados nesta revista, podendo ser formuladas algumas hipóteses a esse respeito. A primeira seria que a revista passou a ser publicada semestralmente, então haveria maior chance de publicação de mais artigos sobre o tema. A segunda hipótese é a de que nos últimos anos tem aumentado a atenção para a relação entre atividades de aventura, natureza e lazer.

Foram analisados 21 (vinte e um) artigos da revista, que estão citados no QUADRO 2 sendo apresentado o ano de publicação, o volume, o número, os autores, a formação desses autores e um breve resumo dos artigos.

QUADRO 2
Artigos da Revista *Licere* selecionados para compor *corpus* da pesquisa

Vol.	Nº	Ano	Título	Autor	Formação do autor	Assunto
3	1	2000	Da natureza do espaço ao espaço da natureza: Reflexões sobre a relação corpo-natureza em parques públicos urbanos	Sandoval Villaverde	Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE- e doutorando no Programa de Pós Graduação da FEF/UNICAMP	Estudo da relação corpo-natureza vivenciada pelos frequentadores do Parque do Lago de Campinas SP. É apontado dois diferentes perfis de frequentadores: Aquelas pessoas que realizam atividades em busca de boa forma, como correr e caminhar, e aquelas que estão em busca de harmonia entre o corpo e o espaço.
4	1	2001	Da busca pela natureza aos	Alcyane Marinho	Professora da PUC Campinas, integrante do	O texto busca as relações entre os praticantes de

			ambientes artificiais; reflexões sobre a escalada esportiva		Laboratório de Estudos do Lazer da UNESP- Rio Claro e do Grupo de Estudos Lazer e Cultura da FEE/UNICAMP	escalada no GEEU da UNICAMP apresentando uma forma de sociabilidade estabelecida entre os escaladores.
5	1	2002	Atividades de aventura; análise da produção acadêmica do ENAREL	Alexander C. Tahara Gilsele M. Schwart	Integrantes do Laboratório de Estudos do Lazer UNESP-RC	Apresenta os resultados das investigações sobre quais enfoques têm sido dados às questões referentes à vivência em atividades de aventura em integração com o meio ambiente.
6	2	2003	Lazer e Meio ambiente: Multiplicidade de atuações	Heloísa Turini Bruhns Alcyane Marinho	Professora Livre-Docente do Departamento de Estudos do Lazer da FEF/UNICAMP Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da FEF/UNICAMP	Discute as questões relacionadas ao ecoturismo e busca uma compreensão sobre as imagens criadas em torno dessa atividade.
7	2	2004	Reflexões sobre lazer e meio ambiente	Cleide Aparecida Gonçalves de Souza	Professora do Departamento de Administração – Gestão em Hotelaria, Turismo e Lazer do Centro Universitário UMA. Especialista em Lazer pela UFMG e Bacharel em Turismo pelo Unicentro Newton Paiva	Aborda as questões ambientais, os conceitos de lazer e como as atividades de lazer na natureza podem dialogar com isso, por meio da Educação Ambiental.
7	2	2004	Lazer e Meio ambiente: A experiência da cidade de Curitiba-PR	Simone Rechia	Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná; CEPELS (Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade)-UFPR	Apresenta o planejamento urbano da cidade de Curitiba, como o empreendimento valorizou desde o início os espaços verdes na cidade.
8	1	2005	Na trilha dos sujeitos participantes do lazer na natureza: Um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente	Mirleide Chaar Bahia Tania Mara Vieira Sampaio	Mestranda em Educação Física pela UNIMEP e membro do Grupo de Pesquisas em Lazer (GPL/Unimep) Doutora e membro do Grupo de Pesquisas em Lazer (GPL/Unimep) respectivamente	O estudo estabelece um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente, por meio de pesquisa bibliográfica.
9	1	2006	Esporte, Cidade e natureza: Um estudo de caso	Cleber A. G. Dias Edmundo de D.A. Júnior	Universidade Federal do Rio de Janeiro- Grupo de Pesquisa ANIMA Universidade Federal Fluminense Grupo de Pesquisa ANIMA respectivamente	Reflete sobre os esportes na natureza em interface com a problemática urbana na cidade do Rio de Janeiro.
9	1	2006	Rafting; emoções e sensações no meio natural	Sandro Carnicelli Filho	Mestrando em Ciências da Motricidade/Unesp-Rio Claro – membro pesquisador LEL –	Transcorre sobre as respostas emocionais vivenciadas pelos praticantes e profissionais

					Laboratório de Estudos do Lazer – Departamento de Educação Física – Instituto de Biociências – Campus Rio Claro	do rafting.
9	1	2006	Resenha do livro: Uvinha, Ricardo Ricci (org.) Turismo de Aventura: Reflexões e Tendências. São Paulo: Editora Aleph, 2005	Heloísa Turini Bruhns	Professora Livre-Docente do Departamento de Estudos do Lazer da FEE/UNICAMP	Apresenta as idéias do livro, que descreve o turismo de aventura, sendo considerado uma prática contemporânea e que pode contribuir para o aprendizado sobre a sociedade e suas contradições.
9	2	2006	As diferentes interfaces da aventura na natureza: Reflexões sobre a sociabilidade na vida contemporânea	Alcyane Marinho	Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da FEE/UNICAMP	O fenômeno do esporte de aventura: Motivações dos praticantes e reflexão sobre a aventura.
10	1	2007	Lazer, Meio Ambiente e Turismo: Reflexões sobre a busca pela aventura	Alcyane Marinho	Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da FEE/UNICAMP	O texto busca refletir sobre as relações entre o meio ambiente, o turismo e a atual busca pela aventura, privilegiadamente em momentos de lazer.
10	3	2007	Notas e Definições sobre Esporte, Lazer e Natureza	Cleber Augusto Gonçalves Dias	Integrante do Grupo de Pesquisa ANIMA-UFRJ	Aborda questões conceituais do lazer esportivo na natureza. Apresenta alguns termos que tem sido empregado pelos pesquisadores e pelos esportistas.
11	1	2008	Por um programa Investigativo para os Esportes na Natureza	Cleber Augusto Gonçalves Dias	Integrante do Grupo de Pesquisa ANIMA-UFRJ	O texto apresenta uma proposta de abordagem que utilizem livros, vídeos, revistas especializadas entre outros instrumentos, para análises etnográficas dos esportes de aventura.
11	1	2008	Emoções, Aventura e Natureza: análise dos relatos verbais de praticantes dos esportes de aventura	Tiago N. Lavoura	Universidade Vale do Rio Doce	Investiga e discute as inúmeras possibilidades de manifestações das emoções na prática dos esportes de aventura, por meio dos relatos verbais dos praticantes.
				Gilsele M. Schwart e Afonso A. Machado	Laboratório de Estudos do Lazer UNESP/Rio Claro LEPESPE –Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte UNESP/Rio Claro, respectivamente	
11	2	2008	Os espaços verdes e os equipamentos de lazer: Um panorama de Belém	Mirleide Chaar Bahia e Silvio Lima Figueiredo	UFPA- Belém -PA	Levantamento das áreas verdes e de lazer em Belém e a localização e utilização das mesmas.

11	3	2008	Da praia para o mar: Motivos à adesão e à prática do surf	Cleber A. G. Dias e Ananda Veras de Amaral	Integrantes do Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Natureza (UFF) Niterói-RJ	Busca identificar os principais fatores motivacionais que influenciam à adesão ao surfe por meio de entrevistas semi-estruturadas.
12	3	2009	Lazer e meio ambiente: as práticas educativas e de sensibilização na natureza por meio do lazer e seu potencial na Pesquisa, Treinamento e Educação Ambiental -Mata do Paraíso em Viçosa - MG	Liliane Gonçalves Garcia	Licenciada e Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa	O trabalho busca compreender a visão do público que visita o espaço natural público da Estação de Pesquisa, Treinamento e Educação Ambiental-Mata do Paraíso- em Viçosa Minas Gerais. É abordada a segregação sócio-espacial pela possibilidade que apenas algumas pessoas podem ter ao ambientes naturais.
				Marizabel Kowalski	Professora doutora pela Universidade Gama Filho, professora adjunta do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa	
				Rafael Júnio Andrade	Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa, mestrando em extensão rural pela Universidade Federal de Viçosa	
13	1	2010	Lazer e meio ambiente: um estudo a partir dos Anais do Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL)	Denis Terezani	Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e professor do instituto Mairiporã de Ensino Superior(Imensu)	O artigo tem por objetivo verificar as produções referentes à temática “lazer e meio ambiente” publicadas nos anais do Encontro Nacional de Recreação e Lazer de 1995 e de 1998 a 2008.
				Felipe S. Barbosa	Mestre em Educação Física pela Unimep, professor da Universidade Católica Dom Bosco	
				Gustavo A. P. de Brito	Mestre em Educação Física pela Unimep e professor da Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do RN	
				Jossett C. de Gáspari	Mestre e doutora em ciências da Motricidade pela Unesp Rio Claro e membro do LEL Laboratório de Estudos do Lazer-DEF/Unesp-Rio Claro	
				Maria C. Rosa	Doutora em Educação Física pela Unicamp Professora da Universidade Federal de Ouro Preto(UFOP)	

				Mirleide C. Bahia	Mestre em Educação Física pela Unimep e doutoranda em Desenvolvimento Sustentável na Universidade Federal do Pará(UFPA),professora da UFPA	
				Nelson C. Marcellino	Livre-Docente em estudos do lazer, professor da Universidade Metodista de Piracicaba e líder do Grupo de Pesquisa em Lazer (GPL)-Unimep	
				Newton N. Nabeta	Mestre em Educação Física pela Unimep	
				Rosana de Almeida e Ferreira	Mestranda em Educação Física pela Unimep	
				Stéphanie Helena Mariano	Mestre em Educação Física pela Unimep e analista de esporte e lazer do Serviço Social da Indústria (SESI-SP)	
13	2	2010	Seres Humanos e natureza: O lazer como mediação	Camila S. de Armas	Professora de Educação Física de Curitiba-PR	O estudo busca compreender e descrever uma realidade social concreta por meio da prática corporal de aventura na natureza específica: o montanhismo.
				Humberto L. de Deus Inácio	Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás Goiânia-GO-Brasil	
13	2	2010	Atividades de Aventura na natureza: Significados para praticantes divulgadores	Newton N. Nabeta	Mestranda de Educação Física pela Unimep	O texto busca apontar vivências de atividades de aventura que promovam o mínimo impacto ambiental e identificar os processos de aprendizagem de novos valores resultantes em mudanças comportamentais e relações mais sustentáveis entre o ser humano e o ambiente natural.
				Cinthia L. da Silva	Doutora em Educação Física pela Unimep respectivamente	

Fonte: Elaboração própria a partir das análises de títulos e conteúdos dos artigos.

4.2 Revista Brasileira de Ciências do Esporte

O GRÁFICO 2 apresenta os artigos encontrados na revista RBCE. Para a seleção dos artigos foram observados os mesmo critérios da revista Licere: Se as palavras Meio

Ambiente, Natureza, Trilhas, Esportes de Aventura ou palavras relacionadas estavam presentes nos títulos ou se o artigo tratava de temas relacionados ao meio ambiente, ecologia, educação ambiental e assuntos afins.

A RBCE é uma revista de publicação quadrimestral, sendo que sua primeira edição foi em 1979. No eixo y (vertical) do GRÁFICO 2 os números representam a quantidade de artigos publicados e no eixo x (horizontal), o ano de publicação dos mesmos. Apesar de a RBCE ter sua primeira publicação em 1979, no GRÁFICO 2 apresentado enfoca-se a segunda metade da década de 90, quando começam a aparecer os artigos relacionados ao tema na Revista.



Gráfico 2: Número de artigos publicados na RBCE, relacionados a atividades de aventura e temas afins, por ano, após 1996.

Fonte: Elaboração a partir das análises de publicações da RBCE de 1979 a 2009.

Esse GRÁFICO mostra que o assunto começou a ser discutido somente a partir de 1997, tendo sido publicados uma quantidade considerável deles, cinco artigos. Depois disso, somente em 2001 foi publicado um artigo. Em 2007, a revista dedicou o volume 28 número 3, inteiramente para abordar temas relativos à natureza, esportes de aventura e meio ambiente, tendo sido publicados doze artigos. Em 2009, o assunto volta a aparecer na revista sendo publicado um artigo. O fato de a Revista ter lançado uma edição especial para discussão do tema do meio ambiente e natureza voltado para a área da Educação Física e Lazer, permite inferir que possivelmente pouco se estava discutindo no campo científico a respeito de um assunto que ganhava importância no cenário global.

É interessante observar que embora a periodicidade dessa revista seja maior que a da revista *Licere*, os assuntos abordados na *RBCE* não se restringem à área do lazer, mas aborda as áreas da educação física e ciências do esporte tendo então um leque muito ampliado de

temas a serem publicados, pois a área de educação física abrange pesquisas em diversos temas: Biomecânica, Fisiologia, Comportamento Motor, Cinesiologia e Dança, entre outros, além dos diferentes esportes (Futebol, Vôlei, Handebol, Natação, Basquete, Ginástica Artística, e outros).

É interessante ainda observar que em 1997 a quantidade de artigos publicados foi bastante elevada para a revista que pouco publica sobre o tema. Por que tantos artigos em um volume, sem que tenha sido uma edição sobre o tema? O leitor deve se recordar das discussões contextuais desta monografia, quando mostrou-se que a década de 90 era de efervescência dos movimentos ambientais e da inserção da problemática ambiental na agenda política mundial. Em 1997 foi criado o Protocolo de Kyoto sobre o clima. Ademais, pesquisando sobre os acontecimentos desta época que ajudassem a explicar esse fato observado na RBCE, registrou-se que, em âmbito nacional, foi nesta mesma época que se elaborou a agenda 21 brasileira, a Lei da Política Nacional de Recursos Hídricos e a Reserva de Carajás. Por fim em Minas Gerais, o DRH foi transformado em Instituto Mineiro de Gestão das Águas.

No ano de 2007 outros eventos podem ter também influenciado a convocatória de artigos para uma edição especial sobre natureza e meio ambiente. Em âmbito mundial, o Painel Internacional de Cientistas sobre Mudanças Climáticas lança seu quarto relatório, que constata que as atividades humanas são, inequivocamente, causadoras de mudanças climáticas. E em âmbito nacional, foi reestruturado o Ministério do Meio Ambiente e criado o Instituto Chico Mendes⁸.

Foram analisados 19 (dezenove) artigos da RBCE. Os artigos analisados estão citados no QUADRO 3 a seguir, sendo apresentado o ano de publicação, o volume, o número, os autores, a formação desses autores e um breve resumo dos artigos.

⁸ Dados retirados do Quadro1 p.84 a 93, do texto de Maurício Andrés Ribeiro, intitulado Origens Mineiras do Desenvolvimento Sustentável no Brasil- Idéias e práticas, publicado no livro Desenvolvimento, Justiça e Meio Ambiente organizado por José Augusto Pádua, Editora Petrópolis.

QUADRO 3
Artigos da Revista Brasileira de Ciências do Esporte selecionados para compor *corpus* da pesquisa

Volume	Nº	Ano	Título	Autor	Formação do autor	Assunto
18	2	1997	Lazer e Meio Ambiente: corpos buscando o verde e a aventura	Heloísa Turini Bruhns	Professora Livre-Docente do Departamento de Estudos do Lazer da FEF/UNICAMP	Apresenta uma discussão sobre questões envolvendo lazer/meio ambiente, situando algumas atividades esportivas desenvolvidas no contato com a natureza.
18	2	1997	A dominação da natureza: O intento do ser humano	Ana Márcia Silvia	Professora do DEF/CDS/UFSC, integrante do núcleo de Estudos pedagógicos em Ed. Física e aluno do Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC	O artigo faz algumas considerações sobre a trajetória da racionalidade no ocidente, apontando para a perspectiva de que, nas sociedades industriais modernas, o trato com a natureza externa é regido pela razão subjetiva instrumental, tal como com a natureza interna, o que confere uma forte dimensão de (auto) dominação e fragmentação a todo conhecimento produzido, com repercussões no entendimento de corporeidade e na chamada “crise ecológica” atual.
18	2	1997	Corrida para a saúde: a poluição ambiental no coração do problema	Edgard Matiello Júnior Aguinaldo Gonçalves	Docente do Departamento de Ciências Médicas, FEFISO/ACM e membro do Grupo Saúde Coletiva/Epidemiologia e Atividade Física, FEF/Unicamp Docente do Departamento de Ciências Médicas, FEFISO/ACM e coordenador do Grupo Saúde Coletiva/Epidemiologia e Atividade Física, FEF/Unicamp.	Descreve inicialmente a relação entre desenvolvimento econômico e desordem ambiental e a interface com a saúde coletiva e atividade física, no que se refere ao sedentarismo e às infecções hipocinéticas. São apontadas tendências da epidemiologia no contexto da globalização e pós-modernidade.
18	2	1997	Educação Física e Ecologia: dois pontos de partida para o debate	Humberto Luís de Deus Inácio	Licenciado em Educação Física. Mestrando em Educação-UFSC. Membro do Núcleo de Estudos pedagógicos em Educação Física do Centro de Desportos – UFSC.	O trabalho apresenta dois pontos: os chamados “esportes ecológicos” e as ditas “práticas esportivas em associações classistas”.
18	2	1997	Esporte e lazer no Meio Ambiente: o Programa Praia da Prefeitura Municipal de Montevideu R.O. do Uruguai	Jorge Fernando Hermida	Doutorando do Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Ex professor do curso de Graduação do Instituto Superior de Educação Física. Maldonado, R.O. do Uruguai.	O artigo transmite uma experiência recreativa e esportiva que tem se desenvolvido desde 1991 nas praias de Montevideu. A partir da experiência de trabalho do autor, no verão dos anos 1995 e 1996, é analisada a relação que existe entre o Programa Praias e as temáticas de meio ambiente e exercício da cidadania.
22	2	2001	Lazer, Natureza	Alcyne	Doutoranda do Programa	Propõe reflexões sobre as atividades de

			e Aventura: Compartilhando emoções e compromissos	Marinho	de Pós-Graduação da FEF/UNICAMP	aventura,práticas corporais manifestadas privilegiadamente durante o lazer,apontando diferentes formas de se perceber o meio natural,fundamentados,principalmente,a partir de acordos fundados sob a ética e sensibilidade.
28	3	2007	Aqueles que vão para o mar: O risco e o mar	David Le Breton	Antropólogo com doutorado em sociologia, Prof. da L'Université Marc Bloch (Strasbourg II), Membro do Instituto Universitário da França	A existência individual oscila entre segurança e vulnerabilidade,risco e certezas, atalhos e caminhos traçados.A lógica vigente enfatiza o desafio individual,de uma busca íntima de legitimidade,de notoriedade,de reconhecimento,instrumentalizando o mar como elemento do perigo a ser superado.
28	3	2007	Transgressões de gênero e naturezas contestadas	Barbara Humberstone	Doutora em filosofia pela Universidade de Southampton, Diretora do Outdoor Learning and Experiential Education da Unidade de pesquisa Buckinghamshire Chilterns University College, na Inglaterra, Membro do European Institute for Outdoor Adventure Education and Experiential Learning, Administradora do UK Institute for Outdoor Learning	O texto examina diversos sentidos atribuídos à natureza,destacando conceitos de natureza como lugar.Chama a atenção para o predomínio de vozes masculinas nos discursos acadêmicos que se preocupam com a natureza e as atividades ao ar livre.
28	3	2007	Descendo o rio das velhas- A canoagem e o calor: A Educação Física no Manuelzão	Ivana A.T. Fonseca Luciana G. Madeira Letícia C. Marques, Graciane Freitas, Luiz O. C. Rodrigues.	Professora de Educação Física Aluna do Programa de Pós-Graduação em EF da UFMG, nível mestrado Prof. de EF, aluna do Programa de pós- Graduação em EF da UFMG, nível mestrado, estudante de EF e bolsista de iniciação científica na época do projeto Graciane: Prof. de EF UFMG Prof. titular de Fisiologia do Exercício, Departamento de EF EEFFTO UFMG	Medidas, termorregulação, Hidratação dos canoairos que descem ao longo do Rio das Velhas.
28	3	2007	Educação Física, Meio	Alcyane Marinho	Alcyane:Doutoranda do Programa de Pós-	Apresenta reflexões que extrapolam a compreensão das atividades de aventura

			Ambiente e Aventura: Um percurso por vias instigantes	Humberto Luís de Deus Inácio	Graduação da FEF/UNICAMP Prof.Assistente do Dep.de Ed.Fis.da UFPR,Curitiba,doutorando no progr. De pós-grad. Em Sociologia Política da UFSC.	como mero processo esportivo formal ou como uma parcela de mercado de trabalho exclusiva e excludente. A educação física é apresentada como um campo do conhecimento que ocupa uma posição privilegiada para as mais diversas intervenções nesse segmento.
28	3	2007	Práticas corporais num ambiente rural amazônico	Gláucio C. G. de Matos Maria B. R. Ferreira	Graduado pela UFAM e doutorando pela FEF-Unicamp Professora da FEF-UNICAMP	Apresenta o estudo das práticas corporais-cultivo do solo e o extrativismo da pesca,caça e produtos das florestas-em comunidades rurais de Boa Vista do Ramos.
28	3	2007	Curitiba Cidade-Jardim: A relação entre espaços públicos e natureza no âmbito das experiências do lazer e do esporte	Simone Rechia	Departamento de Educação Física da UFPR; CEPELS (Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade).	O artigo aponta que os parques públicos constituem uma das faces visíveis da questão urbana de Curitiba, que tem sua gênese em modelos diferenciados de planejamento urbano voltados à preservação ambiental.
28	3	2007	Trilhas interpretativas: Reconhecendo os elos com a Educação Física	Andréa C. de Paiva Tereza Luíza de França	Mestre me EF pela UFPE, prof.do curso de EF na Universo, e Fasne, prof.do programa de pós-graduação em EF na UFPE e membro pesquisadora do NIEL; Doutora em Educação pela UFRN, Prof.adjunta II do Dep.de EF da UFPE, prof.do programa de pós-graduação em Educação UFPE.	Discute a dimensão teórico-social na organização de trilhas interpretativas,visando à abordagem da cultura corporal e do meio ambiente,no intuito de manter intercâmbios institucionais e comunitários,concretizando políticas sociais na perspectiva do lazer enquanto fator de qualidade de vida em espaços ecológicos.
28	3	2007	Anatomia Altruísta	Éden Silva Pereti	Mestre em EF (UFSC), Doutorando em estudos teatrais e cinematográficos Universidade de Bolonha.	O autor desenvolve reflexões que podem auxiliar a área de educação física a ressignificar a hegemonia do padrão fisiológico e narciseo de corpo humano como referência de suas produções e ações,para assim subsidiar a composição de outras possibilidades para elas, talvez mais altruístas e ecológicas.
28	3	2007	Das relações estéticas com a natureza	Ana Maria Silva	Prof. Doutora do CDS/UFSC	Discute alguns elementos conceituais necessários para a análise das possibilidades das relações estéticas com a natureza, sendo esta compreendida como sensibilidade,centrada,portanto no corpo e na experiência corporal.
28	3	2007	Educação Física no Ensino Médio e as discussões	Simone S. M. Guimarães	Doutoranda na Unimeo; Coordenadora do curso de	Reflete sobre a relação entre os temas educação física e educação ambiental,no contexto da educação física no ensino médio. São analisados

			sobre meio ambiente: Um encontro necessário	Ida C. Martins Leonardo Lucenti Michele V. Carbinatto Wagner Moreira Regina simões.	EF e doutoranda/bolsista na Unimep; Bolsista Pibic/CNPq da Unimep Mestre pela faculdade de Vinhedo Livre-docente do programa de mestrado em EF (Unimep) Doutora e docente do programa de mestrado em EF (Unimep)	a importância de o tema educação ambiental fazer parte da educação formal dos alunos, especialmente dos que frequentam o ensino médio, e as possibilidades do tema educação ambiental fazer parte dos conhecimentos a serem tratados pela educação física no ensino médio.
28	3	2007	Lazer- Meio ambiente: Em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura	Mirleide Chaar Bahia Tânia Mara Vieira Sampaio	Doutora em ciências da religião pela Umesp, docente no mestrado em EF na Unimep, membro do grupo de pesquisa em lazer (GPL) Mestre em EF pela Unimep, docente na UFPA, membro do grupo de pesquisas em lazer (GPL).	Trata das interfaces subjacentes à relação do lazer -na forma de esportes de aventura- e do meio ambiente no contexto contemporâneo, identificando as atitudes, motivações e comportamentos que têm permeado a experiência dos praticantes de esportes de aventura.
28	3	2007	Avaliação do nível de dificuldade da trilha interpretativa do Ecoparque de UNA (BA): Aspectos físicos, biológicos e parâmetros de esforço físico dos visitantes	Marcial Cotes Marcelo S. Mielke Irene M. Cazorla Marcia Morel	Integrante do Grupo de Pesquisa em Biologia de Dossel na Uesc-BA Prof. adjunto do departamento de Cienc. Biol. Uesc-BA Prof. adjunta dep. de cienc. exatas e tecnol. UESC-BA Prof. Assistente do Dep. de Cienc. da Saúde UESC-BA.	Foi proposto e testado um método para graduar a trilha interpretativa do Ecoparque Uma, situada na Mata Atlântica, no sul da Bahia. A coleta de dados foi baseada em aspectos físicos e biológicos da trilha e nos parâmetros de esforço físico dos visitantes. A trilha apresentou um percurso total de 2.105 metros e, como diferencial, passarelas suspensas nas copas das árvores.
31	1	2009	Natureza Urbana: Parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930-1940)	Andre Dalben Kátia Danailof	Mestre em EF Unicamp e bolsista da FAPESP Doutora em Educação pela Unicamp e membro do GTT Memórias da EF e do Esporte (CBCE)	Reflete sobre as premissas de uma educação do corpo circunscrita ao espaço da natureza na cidade de São Paulo entre os anos de 1930-1940. Visando identificar por que esses espaços se tornaram atraentes, em especial, para a educação da infância.

Fonte: Elaboração própria a partir das análises de títulos e conteúdos dos artigos.

No editorial do volume 28, de 2007, é apresentado que o processo de globalização traz como consequência mudanças nas condições de produção de bens materiais e com isso, mudanças também nas relações de trabalho e exploração dos recursos naturais. Em vista de

toda essa mudança cultural, o lazer sofre reflexos desse processo, pois o indivíduo passa a dispor de um tempo livre, sendo o tempo do não trabalho. Começam a ser requeridas também em consequência desse processo, políticas públicas, empresariais e associativas nesse campo – do lazer.

5 DISCUTINDO AS ABORDAGENS SOBRE ATIVIDADES DE AVENTURA

Neste capítulo, buscou-se analisar o que tem sido publicado na revista *Licere* e na *RBCE*. Observar-se-á se as abordagens ecológicas foram consideradas pelos autores, quando o tema de seus artigos era atividade de aventura na natureza. No primeiro item, são apresentadas as motivações dos praticantes de atividades de aventura na natureza. No segundo item, tentou-se analisar a abordagem dos autores das revistas pesquisadas, em relação à preocupação ambiental na prática de atividades de aventura na natureza.

5.1 A Busca pela aventura

No texto “Natureza urbana: Parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930-1940)” de André Dalben e Kátia Danailof, publicado na *RBCE*, os autores citam Keith Thomas para falar do sentido de retorno à vida natural como uma necessidade refletida pelo desconforto gerado pela vida moderna-industrial. Segundo Thomas apud Dalben (2009, p.166) esse retorno ao natural se daria devido ao “desconforto gerado pelo progresso da civilização humana e uma relutância a aceitar a realidade humana e industrial que caracteriza a vida moderna”.

Nesse trecho podemos observar certa separação entre homem e natureza como dito anteriormente. É notado também certo repúdio à sociedade industrial, pois esta é apontada como causadora do desconforto humano, o que está relacionado com a problemática ambiental (qualidade do ar das cidades industrializadas e acidentes ambientais, por exemplo).

No texto de Mirleide C. Bahia e Mara V. Sampaio, publicado na revista *Licere*, intitulado “Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza: um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente”, as autoras concordam que as atividades realizadas na natureza, na atualidade, vêm ao encontro da necessidade cada vez mais latente do ser humano em vivenciar experiências no ambiente natural. Essas autoras ainda estabelecem que o processo de industrialização e a urbanização têm causado nas pessoas esse sentimento de busca por

experiências próximas à natureza, sejam elas de contemplação, de práticas esportivas ou outras.

No texto de Alcyane Marinho, “Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura” publicado na revista *Licere*, ela apresenta que as atividades de aventura são praticadas, na maioria das vezes, em grupos, dos quais pessoas com diferentes estilos de vida fazem parte. A autora menciona que essas atividades têm em comum a descoberta de uma nova relação com a natureza e de sentimentos possíveis de serem vividos coletivamente. De acordo com a autora, vive-se um prazer e uma emoção compartilhados no ambiente natural e, de certa forma, diferenças como língua, raça, gênero são apagadas. A autora salienta também que esse fato é provavelmente uma característica particular de tais atividades em reação à realidade atual, permeada pela velocidade do tempo.

O que Marinho aponta pode ser interpretado como se as atividades pudessem salvar a humanidade dos preconceitos, já que diferenças de raça, língua e gênero seriam apagadas. Será mesmo que essas diferenças são apagadas? Então todos aqueles que praticam atividades de aventura, na natureza, não desenvolveriam estereótipos e preconceitos? Tratar-se-ia de pessoas que têm um sentimento forte de partilha? Tratar-se-ia de pessoas com forte senso de preservação da natureza?

Concorda-se com a autora quando ela aponta que essas atividades têm um tempo diferenciado, quando se compara à dinâmica temporal nas grandes cidades. A natureza tem outra temporalidade se comparada às temporalidades dos centros urbanos, já que nem tudo pode ser previsto pelo homem nesse meio, como é o caso de trombas d’água⁹, ventanias e outros fenômenos. Nesse sentido concordo com Tahara e Schwartz (2002) quando falam que o indivíduo que busca as atividades de aventura na natureza, provavelmente está em busca da canalização das tensões cotidianas, pelo interesse particular por uma vida com mais qualidade, com mais equilíbrio e menos tensão.

Em “Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura” artigo publicado na RBCE, a autora Heloísa Turini Bruhns aponta a busca pela aventura como uma busca pelo esforço físico, espírito de grupo e companheirismo. Nesse sentido, parece que está embutido no espírito aventureiro um senso de companheirismo. E isso é muito interessante, pois essa teoria levaria a pensar novas motivações e implicações dessas atividades, como por exemplo, a possibilidade de se fazer novas amizades representando outro fator motivacional e ainda

⁹ As trombas d’água ocorrem quando há chuvas a montante de rios, aumentando excessivamente e em pouco tempo o volume de água a juzante.

poder-se-ia pensar que o sentimento de partilha e de integração entre o grupo praticante é fortalecido através das atividades.

Para Bruhns (1997, p. 90), a opção pelas atividades de aventura na natureza¹⁰, pode ser traduzida através do desejo de uma reconciliação com a natureza, expressa numa experiência nunca antes vivenciada, pois a autora coloca que essas experiências tornam-se cada vez mais distantes do contato cotidiano com a natureza. A autora aponta também que as experiências corporais na natureza expressam, em alguns casos, uma busca de reconhecimento do espaço ocupado por esse corpo na sua relação com o mundo, propiciando uma revisão de valores, bem como um encontro particular do homem consigo mesmo. Essas experiências são conduzidas, nesse sentido, a um reconhecimento da natureza e, por meio dela, um auto-reconhecimento. No texto “Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromisso” de Alcyane Marinho, publicado na RBCE, a autora concorda com Bruhns ao defender que:

As intensas manifestações corporais nessas práticas, permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda, um reconhecimento dos seres humanos enquanto parte desse meio. (MARINHO, 2001, p.150).

Quando Bruhns menciona que as experiências corporais na natureza propiciam uma revisão de valores, a autora acaba pecando por generalizar os sentimentos dos praticantes. É importante mencionar que nem todas as pessoas que praticam as atividades de aventura na natureza estarão sensíveis a mudanças ou a novas percepções. Essa ponderação se justifica pois essa prática pode ter diferentes motivações e frequências, sendo que a frequência é um fator que vai interferir na relação do praticante com o meio. Muitas pessoas, ao praticarem esse tipo de atividade, podem simplesmente não querer voltar a praticá-la, dependendo da experiência que elas tiverem. Se essa experiência tiver sido negativa, por exemplo, se algum fator ocorreu em desacordo com o esperado, a pessoa pode não ter a sensibilidade de aceitar que esse tipo de atividade está suscetível às mudanças do meio (chuva, vento, tempestades entre outros) e, portanto, não gostar. A autora cita também que:

A experiência corporal é a mais direta e imediata, sendo o corpo o primeiro referencial do homem no mundo. O tema do corpo visitando a natureza requer a compreensão da corporeidade como presença no mundo, sendo o movimento humano a expressão dessa corporeidade. O movimento humano representa portanto, uma forma de comunicação, um diálogo entre o homem e o mundo. (BRUHNS, 1997, p. 87)

¹⁰ Embora a autora utilize como tipologia “esportes de aventura”, adapta-se o termo, adequando-o à conceituação proposta neste trabalho.

A citação apresenta uma idéia de corpo experiencial interessante, como porta de entrada para as percepções e vivências humanas. Embora a autora apresente uma idéia de homem visitando a natureza, tornando claras as idéias cartesianas, o que a autora aborda, pode ser interpretado como uma possibilidade de sensibilização do homem com a natureza, como menciona Catalão apud Catalão (2009, p.264) :

O corpo tem outros olhares, os sentidos aflorados e ativos favorecem a integridade da compreensão do real (...) A internalização das questões ambientais depende da sensibilidade do corpo, da estética dos fazeres e da ressignificação dos gestos cotidianos. O corpo, com seus ritmos e sentidos, restabelece no indivíduo a conexão entre o mundo interior e o exterior.

Em “Educação Física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes” Alcyane Marinho e Humberto Luís de Deus Inácio, artigo publicado na *RBCE*, os autores apontam que a busca pela aventura é caracterizada pela emergência de imagens, valores e conhecimentos que estariam intimamente ligados à condição humana na sociedade contemporânea. Para os autores, descer corredeiras e cachoeiras podem ser consideradas maneiras de experimentar sensações inimagináveis.

Esses autores ainda apontam que as experiências de aventura são distantes no espaço-tempo das experiências cotidianas, tanto nos aspectos sensoriais, quanto motores e ampliam as possibilidades de mudança de hábitos e de autoconhecimento.

Essa busca pela aventura e pelas sensações inimagináveis apontadas pelos autores parece representar uma fuga do cotidiano, da rotina do dia-a-dia. Mas, ao mencionarem a possibilidade de mudança de hábitos, os autores não foram muito claros em especificar que hábitos são esses, passíveis de mudanças. Além disso, pode-se questionar se somente o contato com a natureza, sendo representada aqui pelas montanhas, florestas e parques, por exemplo, é o suficiente para essa mudança de hábitos.

Outros autores apontam também fatores motivacionais para a prática das atividades de aventura, como Marinho (2001, p. 137) ao estudar um grupo de escalada esportiva em Campinas. “Faz parte de um movimento de resistência frente ao processo de racionalização e à desordem das cidades, manifestando inovação e criatividade, preservando e promovendo a sociabilidade, como reação ao individualismo”.

O texto da Marinho (2001) se restringe à escalada esportiva em muro de escalada na cidade de Campinas. O que a autora apresenta é que, embora a atividade seja praticada no ambiente urbano, ela representa por si mesma essa reação de fuga do cotidiano. Então o que se estabelece é que, embora não sejam praticadas em ambientes naturais, as atividades de aventura têm algo de específico. Pois como dito anteriormente, esses muros buscam

representar as montanhas, as rochas, e mesmo não sendo realizadas nesses espaços elas continuam possuindo um caráter semelhante, de aventura.

Outra motivação para a prática é citada no texto “Atividades de aventura: análise da produção acadêmica do ENAREL” de Tahara e Schwartz (2002) é a busca por atitudes mais ecológicas:

[...] na última década, o ser humano vem, gradativamente e bastante sutilmente, sentindo a necessidade de buscar compor um quadro atitudinal que favoreça a minimização dos efeitos dessa relação meio truncada com o ambiente natural, buscando, inclusive, novas formas mais significativas de vivenciar o tempo livre. Uma dessas iniciativas vem sendo percebida, qual seja o crescente número de adeptos às atividades que resgatem sua essência junto à natureza, despertando o espírito de cooperação e solidariedade.

Nesse trecho uma crítica que surge se baseia na idéia de que esses autores parecem acreditar que está havendo uma real mudança de pensamento da humanidade, como se todos os homens estivessem tocados pelos valores ecológicos, buscando atitudes mais corretas em relação ao meio ambiente. E isso deve ser analisado cuidadosamente, pois o que a mídia e as propagandas apontam nem sempre correspondem à verdade, conforme Barcellos (2008), tem-se recriado a mercadoria natureza.

Diferentemente do que foi abordado nos textos anteriormente citados, em “Atividades de Aventura na Natureza: Significados para praticantes divulgadores” de Newton Nabeta e Cinthia da Silva, os praticantes divulgadores dessas atividades têm perfis diferentes. Estes praticantes não estariam em busca da fuga do cotidiano, da compensação do dia-a-dia, mas da busca pela natureza, pela harmonia. O que pôde ser observado com a leitura do texto é que estes praticantes não estão mais tão conectados com a lógica da cidade, por estarem envolvidos mais profundamente com as atividades de aventura na natureza. O que foi interpretado, é que se tratam de profissionais desse ramo, onde os riscos e a aventura são vistos de maneira diferente. Segundo Nabeta e Silva (2010, p. 24) “a minimização de riscos ocorre pela assimilação e aprimoramento de procedimentos e atitudes, técnicas e equipamentos utilizados em suas vivências no meio ambiente natural”.

É interessante observar que as autoras, ao contrário do que foi observado nos demais textos, mencionam que as mudanças de percepções dos sujeitos praticantes não ocorrem de forma espontânea, sendo necessário o direcionamento, a educação e a divulgação dos valores ambientalmente corretos ou a vivência de imersão na natureza. Quanto mais envolvimento com a natureza os praticantes tiverem, mais adquirem vivências sensíveis, dão mais atenção, prioridade e valorização para condutas que não somente minimizam o caráter compensatório ou o risco, mas que ambientalmente causem menos impactos.

5.2 Abordagens ecológicas?

Os autores relatam a importância da educação ambiental para os praticantes de atividades de aventura na natureza, ou propõem atividades nesse sentido? Conceitos de ecologia e meio ambiente são considerados? São alertados os possíveis impactos gerados pelas atividades e como minimizá-los? Sendo a *Licere* e a *RBCE* revistas importantes para os estudantes de educação física da UFMG, será que nessas publicações há relação entre os conhecimentos técnicos da área e os conhecimentos sobre o ambiente e sua necessidade de proteção? São essas as perguntas que se pretende responder neste item, com base nas análises dos artigos destas revistas.

Antes de dar continuidade às análises, todavia, é importante mencionar o que é considerado e definido como Educação ambiental, Meio ambiente, Ecologia/atitudes ecológicas.

i. Educação ambiental

A educação ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, contribui para a tentativa de implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza. (LOUREIRO, 2005, p. 69)

Educação ambiental é uma educação que exprime as seguintes características, segundo (REIGOTA E LOUREIRO *apud* GUIMARÃES *et. al*, 2007, p. 160):

- a) é uma educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania e ética nas relações sociais e com a natureza;
- b) é uma crítica aos modelos autoritários, tecnocráticos e populistas que não levam em conta alternativas sociais baseadas em princípios ecológicos, éticos e justos com as gerações atuais e futuras;
- c) é uma educação social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades, e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação responsável dos atores sociais, individuais e coletivos, no ambiente;
- d) é um elemento estratégico na formação da consciência crítica das relações sociais e de produção que situam a inserção humana na natureza.

O Art. 1º instituído pela Política Nacional de Educação Ambiental (Pnea) lei n.9.795, de 27 de abril de 1999 define Educação Ambiental como:

Entendem-se por Educação Ambiental, os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

ii. Meio ambiente

Em vez de uma entidade permanente, o meio ambiente deve ser entendido como um conceito complexo, apontando na direção de um construtivismo social, fruto de um processo maior que engloba os sistemas produtivo e político, além das relações sociais e da própria cultura (HANNIGAN *apud* MARINHO; INÁCIO, 2007, p. 56).

Segundo Guimarães (2007) a noção de meio ambiente é complexa porque não é apenas “biologia, ecologia, nem é sinônimo de fauna, flora, área natural ou natureza intocada. Não é representação apenas de florestas como a Amazônica ou a Mata Atlântica”.

iii. Ecologia

Palavra de origem grega, *Oikos* significa casa e logo, estudo. Assim, ecologia seria o estudo da casa. Ecologia é uma ciência que estuda o ecossistema, as interações entre os seres vivos e o meio ambiente. Este termo só foi aqui colocado por este abranger as relações do homem com os ecossistemas. Portanto, as mudanças não só naturais, mas também as provocadas pela humanidade são consideradas nos estudos de ecologia. O conhecimento nessa área deve ser considerado, para maior aprofundamento nas questões ecológicas que ocorrem em nosso meio, nossa casa. A fim de proporcionar maior esclarecimento, Catalão (2009) aponta que “ecologia hoje, muito mais que uma ciência, tornou-se uma filosofia da natureza e dos ambientes, um movimento social e uma expressão de cidadania”.

Simone Rechia em “Lazer e meio ambiente: a experiência da cidade de Curitiba-PR” artigo publicado na revista Licere, aborda que o início dos anos 70 é marco dos grandes movimentos ecológicos, onde em todo o mundo a preocupação com o meio ambiente assume níveis impensáveis de importância em plena era da industrialização. A autora também traz as informações de que a degradação ambiental é manifestada como um sintoma de uma crise de civilização, sendo, portanto, necessário convocar governantes e comunidades a rever suas bases de crescimento e desenvolvimento e que o desafio está em encontrar um novo modelo de desenvolvimento, que associe crescimento econômico/progresso com qualidade de vida/sustentabilidade dos recursos.

Além desses termos-chave (ecologia; meio ambiente e educação ambiental), conforme mencionado por Simone Rechia, nos anos 70 ocorreram importantes fatos na história do ambientalismo, como a conferência de Estocolmo, que desencadeia na popularização de um

novo termo-conceito. Esse novo conceito de desenvolvimento a que a autora se refere é denominado de desenvolvimento sustentável e é entendido segundo a perspectiva sistêmica: “Baseado no tripé de equilíbrio social, econômico e ecológico, desenvolvimento sustentável implica em justiça social, eficiência econômica e prudência ecológica” de acordo com Figueiredo *apud* Bahia (2007, p. 176).

A definição mais usual para o conceito de desenvolvimento sustentável é extraída do documento Nosso futuro comum ou como é mais reconhecido, Relatório Brundthland 1987: “Desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”¹¹.

Este conceito propõe possibilitar às pessoas, agora e no futuro, atingirem um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico, de realização humana e cultural, fazendo ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais. São esses discursos sobre o desenvolvimento sustentável que ganham espaço nas agendas políticas e na mídia, popularizando-se e, mais recentemente, banalizando-se. Observa-se mais recentemente, tal como proposto por Barcellos (2008) que se desenvolve o mercado verde, no caso da análise proposta neste trabalho, o mercado verde seria justamente o das motivações supostamente *eco* de consumo de produtos e serviços.

Um exemplo dessa comercialização do verde aparece implicitamente no texto “Atividade de aventura: Análise da produção acadêmica do ENAREL” de Alexander K. Tahara e Gisele M. Schwartz. As autoras colocam que, na atualidade, percebendo a problemática das questões ambientais, o ser humano estaria buscando (re) descobrir a essência e a importância de saber viver (e cuidar). O ser humano estaria passando também a preocupar-se com o “meio” de forma ampliada, numa recuperação de valores praticamente desaparecidos. E isto poderia significar que o ser humano estaria buscando mudança de paradigmas que ditam a relação dele mesmo com o meio natural.

Essas autoras, ao colocarem essa informação, generalizam os sujeitos, parecendo ignorar o real conceito de consciência ecológica, ecoturismo e a realidade. Como apontado por Gontijo em sua tese, os turistas e praticantes das atividades de aventura e de lazer na natureza, acreditam que tomar um banho de cachoeira na Serra do Cipó ou fazer uma trilha de doze quilômetros em um trecho da Serra, por exemplo, por si só representariam práticas ecoturísticas. Mas, os praticantes de atividades de aventura na natureza, quando motivados

¹¹ <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/91>

pelo lazer, realmente vivenciam o ambiente dentro do paradigma da sustentabilidade e/ou do ecoturismo? Esta é pergunta para trabalhos futuros, mas uma reflexão inicial é feita nesta oportunidade.

Já no texto “Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza: Um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente” de Mirleide C. Bahia e Tania M. Sampaio, as autoras saem um pouco da visão romântica de que a motivação para realizar atividades de aventura na natureza por si só já demonstraria uma mudança de paradigmas. Estas autoras relatam que a expansão das práticas de lazer realizadas na natureza ganha adeptos a cada dia e que isso é causa de preocupações em relação aos procedimentos adotados, como o uso indiscriminado e mal planejado do meio ambiente natural. Observa-se então a preocupação das autoras em apontar que as práticas devem ser planejadas, uma vez que o não comprometimento com essas medidas podem tornar as atividades em ambientes naturais, impactantes.

Marinho (2007, p.58) remete também às medidas paliativas de cuidado com a natureza quando da expansão das atividades de aventura: “diversas atividades de aventura têm sido denunciadas por seu caráter degradante: veículos motorizados em regiões sensíveis, visitação acima da capacidade adaptativa dos locais, rastros na forma de lixo, equipamentos variados/esquecidos, entre muitas outras”.

Nesse trecho, Marinho aponta alguns impactos decorrentes de práticas de lazer e esportes em ambiente natural. Como apontado pela autora em “Educação física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes”, existem impactos decorrentes dessas atividades, mas a autora coloca essas degradações como consequência do acesso livre ao espaço. Em seu texto, a autora propõe três tipos de espaços naturais: os de livre acesso, de propriedade privada e de propriedade estatal. Nesse sentido, os impactos são considerados, porém eles seriam justificados pelo livre acesso dos praticantes, pois a autora não volta a mencionar os impactos quando trata de propriedades privadas ou estatais. Ao longo do texto, Marinho coloca que as atividades realizadas na natureza seriam oportunidades significativas capazes de contribuir para mudanças de comportamentos e atitudes.

Mas, afinal, quais são os possíveis impactos causados por essas atividades? Algumas das possíveis respostas seriam: (i) a compactação do solo pela sobrecarga das trilhas – quando não há manejo da área e não existe uma política de controle de caminhantes ou demais formas de uso do solo; (ii) mudanças de hábitos da fauna e flora, seja pelo ruído que os praticantes fazem no local ou pelos alimentos trazidos e compartilhados com os animais, e não apenas os

industrializados podem causar problemas ambientais¹²; (iii) contaminação das águas de rios por dejetos humanos; (iv) e também o vandalismo (pichações em grutas e cavernas, destruição das formações rochosas das mesmas dentre outras), entre outros impactos.

Então, mesmo que se acredite que os indivíduos que buscam o contato com as áreas naturais sejam mais sensíveis às questões ecológicas, deve-se lembrar que existem diferentes tipos de adeptos das atividades de aventura. E ainda, devem ser apontados aqueles indivíduos que não têm uma frequência considerável de visitas e ocupações desses espaços naturais. Isso significa que não só as motivações para a prática, mas também a sua frequência, são importantes fatores que vão interferir na maneira de agir dos praticantes nos espaços naturais:

Visitações esporádicas, breves e superficiais ao ambiente natural, são pouco eficientes para engendrar reordenações de valores que embasam as ações dos praticantes de atividades de aventura. Frequência, longa duração e estímulo individual são então identificados como potenciais oportunidades capazes de transformar percepções do sujeito praticante para a concepção do contato ambientalmente mais coerente e para uma resignificação do lazer por meio das atividades de aventura ao ar livre. (NABETA; SILVA, 2010, p. 18)

No texto “Atividades de aventura na natureza: significados para praticantes divulgadores” de Newton N. Nabeta e Cinthia L. da Silva os autores apresentam que existem dois tipos de adeptos das atividades de aventura: Aqueles que privilegiam a aventura e/ou competição esportiva, e aqueles que priorizam o contato profundo e respeitoso com a natureza.

No primeiro caso, esses adeptos estariam quase que reproduzindo em ambiente natural as mesmas condutas que realizariam no ambiente urbano (cultura do consumo, dos modismos). Estariam apenas estabelecendo a natureza como cenário para suas atividades. No segundo caso, os indivíduos que se integram ao meio, geralmente se permitem experiências sensoriais e sentimentais com o meio e consigo mesmos.

É comum acreditar-se que estaria embutido no praticante do lazer e esporte na natureza os sentidos estéticos em relação à natureza, o ideal de conservação, entre outros. Mas para contrariar essas ideias:

A ocorrência mais frequente, talvez, seria ver um esportista em meio à mata, um ciclista, por exemplo, concentrado no ritmo de suas pedaladas Ou de seus batimentos cardíacos, no nível de dificuldade de cada trecho do caminho. Atento, enfim, aos dados que possam influir em seu desempenho no esporte ao qual se dedica e não na percepção da paisagem onde se encontra. De forma geral, é essa a condição que se observa nos esportes, assim como nas atividades de aventura que se

¹² Quando o praticante leva, por exemplo frutas e alimenta animais com elas ou dispersa suas sementes, pode ocorrer mudanças na cadeia trófica dos animais e na vegetação local. Os praticantes de atividades, quando não informados, podem ser responsáveis pela introdução de novas espécies, que podem ser prejudiciais às espécies nativas e, principalmente, às endêmicas. Outro fator preocupante é que muitas espécies vegetais consumidas na contemporaneidade são cultivadas com muitos agrotóxicos e às vezes são transgênicas, podendo prejudicar os animais.

vão esportivizando. As características como a exigência da maximização do rendimento e a competitividade, entre outras que constituem o cerne da instituição esportiva, impõem-se sobre outros possíveis objetivos, criando grandes obstáculos a uma relação estética com a natureza. (SILVA, 2007, p.149)

No caso de atividades freqüentes, é mais comum observar no sujeito praticante, mais preocupação em relação ao meio ambiente. No surfe, por exemplo, Amaral e Dias (2008, p. 12) apresentam que estar em um ambiente natural é representado pelos surfistas como uma possibilidade de interagir e de estar em equilíbrio com a natureza. Segundo esses mesmo autores, o surfe é perpassado por um forte sentido de busca e de reencontro com a natureza. O esporte é comumente representado como a evocação de uma “comunhão com a natureza” representando uma sensibilidade ecológica do esporte.

Nabeta e Silva (2010, p.8) afirmam que as atividades de lazer na natureza representam um tempo privilegiado para a vivência de valores que podem vir a educar indivíduos, criando pessoas questionadoras da ordem social estabelecida e contribuindo para mudanças morais e culturais necessárias para o surgimento de novas condutas ambientais.

E ainda Betrán e Betrán citado por Marinho e Inácio, dizem que as atividades de aventura e lazer na natureza:

[...] favorecem a conscientização e a sensibilização do aluno para com o meio natural e seus problemas, promovendo uma educação ambiental baseada no conhecimento das características dos ecossistemas utilizados, no contexto sociocultural a que pertencem, na utilização responsável dos recursos materiais e tecnológicos que promovem o deslizamento controlado pelo ar, água e terra.

Esses autores concebem o “fenômeno da aventura” como oportunidades significativas para a vivência de emoções e sensações, que podem ser capazes de contribuir para mudanças de comportamentos e atitudes. A maioria dos autores parece acreditar que haveria uma conscientização do praticante, pela simples aproximação do ser humano com a natureza, como se fosse algo que ocorresse instantaneamente. Concorde-se que é uma oportunidade, mas não necessariamente uma relação de resposta objetiva e matemática, perspectiva essa já criticada anteriormente.

O interesse nas questões da Educação Ambiental, nas pesquisas sobre as atividades de lazer e esporte na natureza, é salientado por Tahara e Schwartz (2002, p. 55) como a necessidade de se valorizar o meio natural, no intuito de adquirir consciências plenas dos cuidados que devem ser tomados ao se interagir com as áreas naturais. Ainda de acordo com esses autores, as atividades de aventura são tidas como elementos capazes de possibilitar reflexões sobre a concepção de novas atitudes, despertando valores como cooperação e o espírito de solidariedade.

No artigo intitulado “Atividades de aventura na natureza: significados para praticantes divulgadores” Newton N. Nabeta e Cinthia L. da Silva informam que as atividades de lazer e esporte na natureza representam possibilidades pedagógicas descompromissadas e informais pois são ricas em experiências emotivas (aventura, medo, risco e superação) e geram mudanças nos indivíduos (autonomia e emancipação). É uma educação assistemática e prazerosa, efetuada por livre arbítrio pelo indivíduo e que o atinge e modifica num processo contínuo e sem fim.

Esses autores abordam também as classificações “educação pela aventura”, “educação experiencial”, “educação pelo ambiente natural” e “educação ao ar livre”. São classificações para esse tipo de educação ao ar livre, baseada nas experiências vividas pelo indivíduo junto ao meio natural. Essas teorias reconhecem então, o valor da experiência como base para o aprendizado.

Um exemplo de iniciativa citado por Nabeta e Silva (2010, p.21) foi o “Pega Leve!” Criado na USP em 1970 que se preocupou em estabelecer códigos de conduta para as atividades em ambientes naturais em diferentes modalidades (caminhada, escalada, exploração de cavernas, e outras).

Dias (2007) também aponta algumas iniciativas nesse sentido, como a organização de windsurfistas do Reino Unido, que criaram a “*Surfers Against Sewerage*”, grupo que condena o despejo de lixo nos oceanos e que idealizou uma organização ambientalista internacional dedicada à preservação dos oceanos, e o grupo de escaladores mineiros e cariocas que se uniram contra a atuação de mineradora no Morro da Pedreira do Parque Nacional da Serra do Cipó.

No texto “Educação Física e Ecologia: Dois pontos de partida para o debate” de Humberto L. de Deus Inácio, publicado na RBCE em 1997, são apresentadas as denominações das atividades de aventura como “esportes ecológicos”, esportes ecologicamente corretos” e “esportes radicais”. O autor propõe se pensar sobre esses esportes, quanto à denominação de ecológicos:

Pensamos que, para chamar um esporte de ecológico, não basta que o mesmo possibilite um maior contato entre o ser humano e ambiente dos quais a vida urbana o afastou. Aliás, para chamar um esporte de ecológico, ele mesmo deveria se revestir de novos valores, diferentes dos que hoje o caracterizam, uma vez que a ecologia também rompe com os valores vigentes nas sociedades tais como as conhecemos. (INÁCIO, 1997, p. 134)

Para o autor, discutir o papel ecológico das atividades requer um debate profundo sobre o ser humano e seu papel no planeta. E a educação física deve se atentar para essas

questões não porque o assunto está na moda, mas porque repensar as ações do ser humano e sua função no planeta é papel de todos.

Ana Maria Silva em “A dominação da natureza: o intento do ser humano” aponta que é preciso superar a idéia de o ser humano poderia dominar a natureza. É preciso rever que o ser humano faz parte do todo, do planeta e ser humano e meio ambiente são interdependentes. Retomar a idéia de complexidade, de totalidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram analisados no total, 21 artigos publicados na revista *Licere* e 19 artigos publicados na *RBCE*. Como dito, as revistas têm objetivos diferentes, e abordam temas de formas diferentes. Enquanto uma se restringe ao campo do lazer, a outra aborda os campos da educação física e ciências do esporte. Mesmo com essas diferenças, a quantidade de artigos encontrada não teve uma variação tão grande: somente dois artigos foram publicados a mais na revista *Licere*. Relembrando também que um dos fatos que podem justificar esse resultado é a periodicidade das revistas. Enquanto a *Licere* é uma revista publicada semestralmente, a *RBCE* tem publicação quadrimestral.

As questões ambientais, bem como breves discussões sobre o conceito de natureza, foram assuntos abordados na maioria dos artigos. As problemáticas ambientais – como consequência do acelerado processo de industrialização e do regime capitalista – têm sido apontadas como marco para o movimento contemporâneo de retorno do homem à natureza. Como conceito comum apresentado pela maioria dos autores em relação à natureza, pode-se extrair concordância com a fala de Gonçalves (2001), quando este defende que “o próprio conceito de natureza não é natural, mas uma criação da cultura que foi modificado ao longo do tempo”.

Em muitos artigos foi apontada a importância de se preparar melhor os profissionais da área de educação física, e de se desenvolver melhor a relação que esta área do conhecimento pode estabelecer com a educação ambiental, por meio de uma aprendizagem prática. Alguns artigos abordaram também a falta de consenso quanto à nomenclatura utilizada para designar tais atividades, dificultando a comunicação científica sobre a temática.

Observou-se que os autores de ambas revistas têm retratado as atividades de aventura na natureza como possibilidade de lazer, em oposição ao tempo de trabalho. Essas atividades representariam a reaproximação do homem com a natureza, relação que tem se tornado cada vez mais distante do cotidiano das pessoas das grandes cidades.

Como principais motivações para as atividades de aventura na natureza, foram apontadas a fuga do cotidiano, a busca pelo risco, a busca por contato com a natureza, a compensação da dinâmica estressante da cidade, a procura por fortes emoções, dentre outras.

Em muitos dos textos analisados, foi observada a idéia recorrente de que essas atividades, por se realizarem em ambientes naturais, proporcionariam às pessoas certa mudança nos padrões de comportamento, sendo possibilitados também por meio dessas, novos valores humanos. Foi apontado também por alguns autores, que essas atividades são formas de educação ambiental mais prática e prazerosa, sendo possível que o indivíduo seja sensibilizado pela relação corporal com a natureza.

Foi abordado em alguns textos, que os sentimentos mais profundos na relação com a natureza, bem como o despertado interesse na conservação do meio ambiente são experimentados por aqueles praticantes que têm maior contato com as atividades na natureza, e por aquelas pessoas que recebem algum direcionamento à prática como também alguma instrução em relação aos comportamentos desejados nos espaços naturais.

Foi interessante encontrar através da leitura dos artigos, outras possibilidades de conexões da área de educação física com as demais. Exemplos dessas possíveis conexões são as avaliações físicas dos canoieiros ao descer o Rio das Velhas, as relações de gênero estabelecidas nas atividades de aventura na natureza, as relações estéticas estabelecidas com a natureza, a importância dos parques dentro das cidades como possibilidades de uma aproximação com a natureza, a graduação das trilhas de interpretação ambiental para se avaliar o nível de dificuldade das mesmas entre outros assuntos que foram abordados nas revistas, mas que não foram mencionados ao longo do trabalho por não se adequarem à proposta do mesmo.

Como menciona Guimarães *et. al* (2007), as discussões sobre meio ambiente são necessárias e urgentes em todas as áreas do conhecimento. Isso porque os problemas ambientais que enfrentamos não estão restritos aos indivíduos de uma área profissional, mas são problemas transdisciplinares.

As atividades físicas na natureza devem ser orientadas por profissionais qualificados, objetivando não apenas a realização de movimentos técnicos, como também de posicionamentos éticos e ecológicos, sendo um profissional que atua nessas duas áreas uma possibilidade de romper com o que tradicionalmente vem sendo feito. Deve-se buscar uma nova forma de intervir com os praticantes/alunos, para que essa conscientização com o ambiente se dê de forma ética e responsável.

Nesse ponto entra a ação do educador/profissional que irá atuar no direcionamento dessas práticas. Portanto, a necessária preparação profissional, que aborde e valorize, por exemplo, os conceitos de educação ambiental, ecoturismo, desenvolvimento sustentável e demais assuntos relacionadas, além de outros que não foram abordados, como o desenvolvimento socioambiental e outros assuntos pertinentes.

Por fim, as atividades de aventura ainda carecem de mais estudos a fim de extrapolar o que vem sendo aprendido. É interessante, por exemplo, analisar do ponto de vista ecológico, o perfil dos praticantes, e não só suas motivações e interesses, a fim de analisar com maior profundidade se tratam-se de praticantes “ecologicamente corretos”, como apontam a maioria dos autores dos artigos estudados. A área ainda carece também de mais propostas de educação ambiental, visando romper com a lógica de consumo, de mercadoria tão presente no direcionamento de muitas dessas atividades. Apenas no texto “Atividades de Aventura na Natureza: significados para Praticantes Divulgadores” de Newton N. Nabeta e Cinthia L. da Silva, foi dada importância à temática dos impactos gerados pelas atividades de aventura na natureza, citando, por exemplo, a compactação e erosão do solo pela sobrecarga de trilhas, mudanças de hábito da fauna silvestre entre outros. Esse texto foi também o único a apontar realmente uma proposta de educação ambiental, sendo esta a divulgação de técnicas de mínimo impacto por meio de folhetos explicativos. Deve-se analisar e estudar, portanto, com maior especificidade em cada modalidade, os impactos decorrentes das mesmas, com fins de se pensar e propor alternativas mais específicas para cada público.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ananda Veras de; DIAS, Cleber Augusto G. Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, dez. 2008.
- ARMAS, Camila Santos de; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Seres humanos e natureza: o lazer como mediação. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jun. 2010.
- BAHIA, Mirleide C.; SAMPAIO, Tânia M.V. Lazer – meio ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p.173-189, maio 2007.
- BAHIA, Mirleide Chaar; SAMPAIO, Tânia Mara V. Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza: um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente. **Licere**, Belo Horizonte, v. 8, n.1, 2005.
- BARCELLOS, Gilza Helena. A crise ambiental e a mercantilização da natureza. In: HISSA, Cássio Eduardo Vianna. **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 109-123.
- BARRETO, Selva Maria Guimarães. Esporte e saúde. **Revista Eletrônica de Ciências**, São Carlos, n. 22, out./nov. /dez. 2003.
- BRASIL. Lei 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental e institui a política nacional de educação ambiental. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 14 nov. 2010.
- BRUHNS, Heloísa T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 18, n. 2, jan. 1997.
- BRUHNS, Heloísa Turini; MARINHO, Alcyane. Lazer e meio ambiente: multiplicidade de atuações. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, 2003.
- Considerações sobre esportes. Disponível em: http://cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_22/esportesaude.html. Acesso em: 25 nov. 2010.
- DALBEN, André; DANAILOF, Kátia. Natureza urbana: parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930-1940). **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p.163-177, set. 2009.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história da devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- DIAS, Cleber Augusto; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. Esporte, cidade e natureza: um estudo de caso. **Licere**, Belo Horizonte, v. 9, n.1, 2006.
- DIAS, Cleber Augusto G. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, dez. 2007.

DIAS, Cleber Augusto. Por um programa investigativo para os esportes na natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, abr. 2008.

DUARTE, Regina H. **História e natureza**. Autêntica, 2005.

Encontro das nações unidas sobre meio ambiente humano. Disponível em: http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/fe_e_meio_ambiente/principais_conferencias_internacionais_sobre_o_meio_ambiente_e_documentos_resultantes.html
Acesso em: 11 out. 2010.

MAFFEI JUNIOR, João. **Valores, lazer e recreação na sociedade contemporânea**. 2004. 99 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção com ênfase em Tecnologia Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 22 n. 2, p. 143-153, jan. 2001.

MARINHO, Alcyane; INÁCIO, H. L. de Deus. Educação física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio 2007.

MARINHO, Alcyane. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, abr. 2007.

NABETA, Newton Norio; SILVA, Cinthia Lopes da. Atividades de aventura na natureza: significados para praticantes divulgadores. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jun. 2010.

GARCIA, Liliane Gonçalves; KOWALSKI, Marizabel; ALVES JUNIOR, Rafael A. Lazer e meio ambiente: as práticas educativas e de sensibilização na natureza por meio do lazer e seu potencial na estação de pesquisa, treinamento e educação ambiental-Mata do Paraíso em Viçosa-MG. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, set. 2009.

GONÇALVES, Carlos W. P. **Os descaminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2001.

GONTIJO, Bernardo M. **A ilusão do ecoturismo na serra do Cipó/MG: o caso de lapinha**. Brasília: UnB/CDS, 2003.

GUIMARÃES, Simone S. M., *et al.* Educação física no ensino médio e as discussões sobre meio ambiente: um encontro necessário. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p.157-172, maio 2007.

INÁCIO, Humberto L. de Deus. Educação física e ecológica: dois pontos de partida para o debate. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 18, n. 2, jan. 1997.

LAVOURA, Tiago Nicola; SCHWARTZ, Gisele Maria; MACHADO, Afonso Antônio. Emoções, aventura e natureza: análise dos relatos verbais de praticantes dos esportes de aventura. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n.1, abr. 2008.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: _____. **Educação ambiental: repensando espaço e cidadania**. 3. ed. Ed.Cortez, p.69-98.

CATALÃO, Vera Lessa. **Desenvolvimento sustentável e educação ambiental no Brasil**. PÁDUA, José Augusto (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

RECHIA, Simone. Lazer e meio ambiente: a experiência de Curitiba-PR. **Licere**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, 2004.

SILVA, Ana Márcia. Das relações estéticas com a natureza. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p.141-155, maio 2007.

SOUSA, Cleide Aparecida G. de. Reflexões sobre lazer e meio ambiente. **Licere**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, 2004.

SORRENTINO, Marcos. Desenvolvimento sustentável e participação: alguns reflexos em voz alta. In _____. **Educação ambiental: repensando espaço e cidadania**. 3. ed. Ed. Cortez, p.15-21.

TAHARA, Alexander Klein; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura: análise da produção acadêmica do ENAREL. **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, n.1, 2002.

TEREZANI, Denis, *et al.* Lazer e meio ambiente: um estudo a partir dos anais do encontro nacional de recreação e lazer (ENAREL). **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n.1, mar. 2010.

YÁZIGI, Eduardo. **Começando o desmanche da paisagem**. São Paulo: Contexto, 2001.

YÁZIGI, Eduardo. Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil. In: _____. **Espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 133-155.